

A CRISE DO SINDICALISMO E A TRANSIÇÃO NECESSÁRIA...

...E OUTROS TEXTOS



Luizinho Oliveira

**Livros publicados com
textos da Coluna Opinião**

**Coluna Opinião
Textos escolhidos pelos Autores**

Fevereiro 2021

**Coluna Opinião
Textos selecionados
*Vários Autores***

Fevereiro 2021

**Crimes do Estado contra os
Direitos Humanos
*Rosangela Gaze***

Julho 2023

**Onde você está nessa lama?
*Ricardo Assis Gonçalves***

Fevereiro 2024

**SUS – A expressão de um desejo
*Luiz Carlos Fadel***

Julho 2024

**Cuidados Paliativos
*Ernani Costa Mendes***

Outubro 2024

**O Membro Inferior Central e as
Peripécias da Língua
*Chiwan Medeiros Leite***

Novembro 2024

**Travessias e Resistências
*Valdir Specian***

Fevereiro 2025

**Olhos Arranhados
*Rodrigo Emídio Silva***

Julho 2025

**A CRISE DO SINDICALISMO
E A TRANSIÇÃO NECESSÁRIA...**

...E OUTROS TEXTOS

Luizinho Oliveira



Copyright © 2025 by
Luiz Oliveira

Assertiva Editorial Ltda.

Rua Nossa Senhora da Saúde, 287 - Cj. 25 Bloco 1

www.assertivacriativa.com.br

Projeto Gráfico e Diagramação: Alex Franco / franco.alex@gmail.com

Capa e Ilustrações: Maria Carolina Reis

Tiragem: 200 exemplares

Comissão Editorial

Alberto Jucelino Júnior

(Multiplicadores de VISAT)

Aline Marques

Universidade Federal de Jataí

Cristiano Galvão

Sindicato dos Correios/RJ

Daniele Moretti

Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora/RJ

Eguimar Chaveiro

Universidade Federal de Goiás

John Carlos Alves Ribeiro

Instituto Federal de Goiás

Norma Bomfim

Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora/RJ

Raquel Moratori

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz

Valdir Specian

Universidade Estadual de Goiás/Campus Iporá

Blog Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador

Comissão Organizadora

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

Rosângela Gaze

Luciene de Aguiar Dias

Isabella Maio

Alex Franco

Adelany França

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Luizinho

A crise do sindicalismo e a transição necessária - - e outros textos /
Luizinho Oliveira. - 1, ed. - Rio de Janeiro : Assertiva Editorial, 2025

ISBN 978-85-69310-25-9

1. Cotidiano social 2. Crônicas brasileiras 3. Sindicalismo - Brasil
4. Sindicalismo História 5. Trabalhadores - Condições sociais
I Título.

25-290172

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Prefácio	6
Um Camarada em Estado Permanente de Efervescência	
Apresentação	7
Uma Jornada Pela Reinvenção do Sindicalismo	
Sobre o Autor	11
Minha História...	
O Gasto Estratosférico dos Acidentes de Trabalho	14
Saúde do Trabalhador e a Construção Naval	17
Transtorno Mental é A 3ª Causa de Afastamentos de Trabalho	21
Racismo Como Importante Limite na Organização dos Trabalhadores	24
A Barbárie: os 6 meses que estão retrocedendo 50 Anos	28
A Crise do Sindicalismo e a Transição Necessária	31
Aonde a Desigualdade da Riqueza Levará o Brasil	34
Resistir É Preciso... Ditadura Faz Mal ao Brasil	38
Abra a Mente: Racismo Não é Coisa de Gente	41
É Preciso Resgatar a Credibilidade dos Sindicatos	44
Bolsonaro Perverso. Maluco, Não.	47
Da Pandemia do Coronavírus ao Pandemônio do Governo Bolsonaro	49
Pós-Quarentena: Será que é Tudo Em Vão? Será que Vamos Vencer?	52
CLT Tem Origem na Carta del Lavoro? Mentira Deslavada	55
15 Mil Mortos: uma Tragédia Gigantesca. O Responsável por ela: Bolsonaro!	58
Inteligência Artificial Será Inteligência ou Desemprego Real?	61
Enfraquecer os Sindicatos Interessa a Quem?	64
Trabalhador em Plataforma Digital, Escravidão Moderna	66
Exploração Predatória da Braskem Afunda Bairros em Maceió	69
A Razão de Existir do Sindicato	72
O Significado de Agro é Pop: Pobreza, Opressão, Poluição.	75
Até Quando vão repetir a Mentira Deslavada do Déficit da Previdência?	78
Tragédia no Rio Grande do Sul e Política e Anunciada: é Crime!	80
Ei Jovem, Venha para o Sindicato. Você Também!	82
Viver é Aprender a Ser um Eterno Aprendiz	84
A Política Sendo Ela: Sem Retoque	86
O Que é Ser um Militante de Esquerda?	88
Abaixo a Escala 6x1: Escravidão Moderna, Escravidão Nunca Mais	91
Mercado Financeiro - Ditadura Escrachada	94
Saúde Mental no Trabalho: Direito Humano Fundamental	96
Sindicatos: Permanecer ou Ousar?	98
A Mentira da Separação entre Vida e Trabalho	101

UM CAMARADA EM ESTADO PERMANENTE DE EFERVESCÊNCIA

Quando deixei de ser pediatra lá pelos anos ‘80, o destino me conduziu pelo braço, com bastante gentileza, ao mundo da saúde do trabalhador. E já nesse “novo” mundo, o sempre gentil destino me apresentou à rapaziada. Gosto muito do Gonzaguinha quando ele fala que acredita na rapaziada. Comecei a pôr fé na fé da moçada. Naqueles primeiros momentos de aprendizado e espanto encontrei a rapaziada metalúrgica – a turma do Luizinho. Foi com ela que dei os primeiros passos nas primeiras fábricas, inclusive no Emaq – onde Luizinho viveu grande parte de sua vida.

Aprendi com a rapaziada e com um deles: Jorginho (amigo do Luizinho) a construir a manhã desejada. Quando a gente adentra no mundo da saúde do trabalhador aprendendo a andar por ele conduzido pela rapaziada a gente entende o conceito de saúde do trabalhador e Gonzaguinha. Talvez inspirado em algum camarada do tipo Luizinho Oliveira o moleque da Dina desceu o São Carlos colocando o nome da música da rapaziada: E VAMOS À LUTA!

Luizinho, o escritor que aqui me honra prefaciando só sabe fazer isso: IR À LUTA. Aliás, perdoem-me o deslize, Luizinho sabe fazer muitas outras coisas como, por exemplo, escrever. Escrever bem. Escrever com indignação. Escrever para, como eu costumo dizer, fazer justiça com as próprias mãos. Mãos que escrevem com a alma na ponta dos dedos.

Desde que o Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito/RJ foi criado, há dez anos, com a cumplicidade do Sindicato dos Metalúrgicos/RJ, Luizinho foi uma espécie de seu porta-voz. Era ele que comentava os Editoriais do Boletim, a cada sessão ordinária. Sua fala reflexiva e sábia, agora imortalizada nesse livro, era sempre a primeira chamada naquelas manhãs para a manhã desejada.

Com essa obra nas mãos só há uma coisa a dizer:

LUIZINHO É UM CAMARADA EM ESTADO PERMANENTE DE EFERVESCÊNCIA NA LUTA POR UM MUNDO MAIS JUSTO.

Luiz Carlos Fadel
Agosto 2025

UMA JORNADA PELA REINVENÇÃO DO SINDICALISMO

Este livro nasce da indignação, do inconformismo com verdades forjadas e da urgência em desmascarar disfarces para exploração como desenvolvimento. Escancara a farsa dos acidentes de trabalho tratados como “fatalidades” e expõe o custo social e econômico de um modelo produtivo que naturaliza a morte e o adoecimento. Nas palavras do autor “Acidentes de trabalho não são acidentes, não são frutos do acaso nem desígnios de Deus e, muito menos, ocorrem por culpa dos trabalhadores, como sempre querem fazer crer os empregadores. Acidentes amputam, matam, causam sequelas, estigmatizam, provocam desemprego, humilhações, desesperança, suicídios, desestruturam famílias.”

E, em 22 de maio de 2019 – quase um ano antes da pandemia –, traz à tona a saúde mental como urgência invisível: os trabalhadores adoecem, silenciam, se afastam – e o sistema agradece. Retoma o tema em abril de 2025 propondo aproveitarmos a oportunidade da 5ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (18-21/08/2025) para “coletivamente inventarmos um mundo em que a saúde mental no ambiente do trabalho seja uma conquista como direito humano”.

Em tempos em que, além dos patrões, trabalhadores jovens, e outros nem tanto, desprezam a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), Luizinho Oliveira discorda com veemência. Ao contrário da falácia reiterada, a CLT não tem raízes fascistas – ela brotou das greves, das resistências, das lutas populares. Hoje, essa conquista histórica enfrenta novas ameaças: o trabalhador de aplicativo, refém de algoritmos impiedosos, revive a lógica da escravidão sob um verniz digital. E o campo – retratado como paraíso tecnológico das commodities – escamoteia na publicidade da “elite do atraso” a face real do agronegócio: pobreza para quem colhe, opressão para quem resiste e poluição para quem vive ao redor. Ideias que reverberam com força, desromantizando o “agro é pop” ao expor o decorrente rastro de violência, exclusão e destruição ambiental.

É esse reencontro com dores e conquistas do passado e do presente que o autor propõe em mais de cinco anos de análises cortantes sobre a crise do sindicalismo, o esfacelamento das condições de trabalho, a ameaça crescente do autoritarismo e o es-

vaziamento dos direitos sociais. Este livro é um chamado à lucidez crítica para que o sindicalismo reencontre a voz, a garra e o compromisso com os invisíveis da história. Mas é também uma convocação ao futuro – um roteiro para a transição necessária.

Um futuro a que Luizinho questiona: “Inteligência Artificial será inteligência ou Desemprego Real? E alerta para a propaganda das maravilhas que desempregam: “autómóvel sem motorista, indústria 4.0, computação em nuvens, impressão 3D, drones”. Na casa dos mais de 800 milhões de substituição de postos de trabalho por robôs...

Desafiando a inteligência artificial, a sanitarista ilustradora Maria Carolina Reis traduz com precisão, encanto e criatividade as palavras e sentidos do autor. Maria captura subjetividades para o bem da saúde dos trabalhadores. Compõe com Luizinho uma sinfonia de direitos humanos no trabalho.

O metalúrgico e historiador Luizinho é ativista sindical, militante da saúde do trabalhador e cronista incansável da realidade brasileira. Forjado na luta dos metalúrgicos do Rio de Janeiro e participante ativo de fóruns – como o Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito/RJ, um de seus fundadores –, comissões e mobilizações sociais, escreve com a autoridade de quem vive o que denuncia e sonha com o que propõe. A marca da experiência direta, da escuta atenta e do compromisso inegociável com os direitos humanos impregnam cada linha deste livro.

Ao percorrer as cicatrizes da ditadura civil-militar, o livro mostra como os fantasmas de ontem ainda espreitam as instituições de hoje, quando políticas regressivas se travestem de modernização. Da destruição das garantias trabalhistas ao esvaziamento dos sindicatos, a história recente é apresentada como campo de disputa e de resistência cotidiana.

A crise do sindicalismo é também oportunidade de reinvenção. Luizinho propõe caminhos concretos: formação política de base, reaproximação das juventudes, enfrentamento da “financeirização da vida (o rentismo)” e uma nova centralidade da saúde do trabalhador como direito humano. Denuncia também o racismo estrutural e a misoginia nos próprios espaços de organização dos trabalhadores e reafirma que enfrentá-los requer a reconstrução da identidade coletiva, da luta de classes, nos movimentos sindical e sociais.

Este livro aborda o que se convencionou denominar de tragédias como crimes do Estado brasileiro. É assim que retrata o afundamento de bairros em Maceió – crime ambiental urbano e contra os direitos humanos – decorrente da exploração predatória da Braskem, em conivência do Estado, da mídia e do capital financeiro. A extração

de sal-gema entre 1976 e 2019, ignorando sucessivos alertas, gerou lucros bilionários e colapso do solo. A destruição de lares gerou traumas e resultou em suicídios, expressão extrema do sofrimento imposto aos atingidos. O irreparável persiste nos corações dos que não contam com o Estado a protegê-los.

Apresenta as enchentes no Rio Grande do Sul como resultado de uma sucessão de escolhas políticas e econômicas que priorizaram o lucro acima da vida. A devastação da vegetação nativa para o avançar do agronegócio e da monocultura de soja, o desmonte da legislação ambiental e o corte de recursos da defesa civil configuram um cenário de negligência deliberada. A especulação imobiliária descontrolada e a explosão demográfica urbana embaladas pela queima de combustíveis fósseis e pela emissão desenfreada de gases do efeito estufa emolduram o crescente e insustentável “museu da ganância no Rio Grande do Sul”. Em 2025, este museu amplia o acervo de vítimas em mais uma enxurrada a penalizar cumulativamente os mais vulneráveis. E a gigante solidariedade que se mantém presente em nossa sociedade nos conforta. Mas, para não nos tornarmos reféns do próximo crime, a responsabilização clara dos culpados não pode tardar.

Não espere um tratado acadêmico frio, o tom é de manifesto e testemunho. Analisa a crise sindical e oferece a bússola: “O militante de esquerda jamais negocia os direitos dos pobres”. [...] Não é o poder, a vitória, o lapidar cartesiano das ideologias que movem seus passos e sim o escândalo da miséria, a vergonha da pobreza e o sofrimento dos semelhantes – a razão desta invencível teimosia.

O livro e seu autor não pedem aplausos. Requerem leitura comprometida, debate honesto, persistência e ação. Refazendo caminhos no persistente recomençar, este livro alberga a premência da realidade que não espera. Envolve a militância com a esperança ancorada na conquista pavimentada na organização coletiva solidária e corajosa. Por fim, como preâmbulo de suas letras indignadas, Luizinho conta com singeleza e modéstia a grandeza de sua vida e trajetória. Mineiro de Teófilo Otoni, das Minas Gerais, como se orgulha em dizer, Luizinho é escultor de conscientização para lutas e conquistas dos trabalhadores pela saúde. A Coluna Opinião do Blog Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador agradece a honra de ter “abduzido” o Colunista Luizinho (em suas palavras) e a oportunidade de espalhar o aprendizado que ele nos inspira a cada sementeira.

Rosângela Gaze

Agosto 2025



MINHA HISTÓRIA...

Nasci em agosto de 1956 na cidade de Teófilo Otoni Minas Gerais, filho de mãe solteira Percília Oliveira. Formei em Licenciatura de História na Unisuam com pós-graduação em História da África no Colégio Pedro II.

No começo dos anos 60, vim com minha mãe para o Rio de Janeiro, em busca de oportunidades. Imaginem o grau de coragem desta mulher que, sem parentes importantes e vinda do interior trazendo uma criança a tiracolo, desembarcou numa cidade grande. A ela, toda minha admiração. Fomos morar em um barraco numa favela no bairro do Cosme Velho. Lá eu cresci e já aos 10 anos tinha de me virar para ajudar nas despesas: carregava cestos na feira, vendia picolé na praia, catava ferro velho e vendia, e engraxava sapatos etc.

Em meados dos anos 70, fomos de forma violenta removidos pelo poder público para um conjunto habitacional no bairro de senador Camará na Zona Oeste. Era então um jovem, com pouco estudo, pois não era fácil conciliar ajudar minha mãe e estudar. Os tempos eram terríveis: ditadura militar.

Aos 17 anos me matriculei no Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), em busca de uma profissão. Em pouco tempo de curso, fui indicado para trabalhar numa metalúrgica no centro da cidade. Eram os agitados anos 70! Entro para o sindicato, vou às assembleias, travo novos conhecimentos. Logo vem a histórica greve de 1979 dos metalúrgicos, da qual participo como piqueteiro. Trabalhava à época na metalúrgica Sauer. Nos anos 80, o movimento sindical participa ativamente das lutas sociais e pelo fim da ditadura que já agonizava, muito por conta da nossa luta pela anistia que logrou êxito.

Participo de várias eleições para a direção do sindicato dos metalúrgicos, que são verdadeiras aulas para minha formação política. Participei da luta pelas Diretas Já.

Perdemos a batalha, mas fincamos uma flecha envenenada no coração da ditadura. Matriculo-me no colégio do sindicato no curso técnico de mecânico. Isto faz com que em 1984, entre para trabalhar no estaleiro Emaq como mecânico. Tem início a virada de chave em minha vida.

O setor naval vivia o auge de uma crise e os trabalhadores do Emaq foram atingidos dramaticamente tendo salários atrasados e benefícios cortados. O ano foi todo de luta e a situação se agravava. Eu estava recém-admitido no emprego, mas não fugi da luta. Em 1985, a crise torna-se aguda e os trabalhadores se organizam para além dos direitos, lutavam pela sobrevivência do estaleiro. Com orientação da direção do sindicato, é criado um grupo de trabalhadores para propor mobilizações, coordenar atividades políticas e colocá-las em prática. Eu estou neste grupo.

Houve muitas greves, passeatas e atos públicos. Uma mobilização dos trabalhadores que fez o drama vivido por eles ser conhecido. O governador Brizola sempre esteve do nosso lado. Por fim, era tão forte este nosso movimento que pela primeira vez fechamos ao trânsito a avenida Brasil. A seguir fomos com mais de 40 ônibus lotados para Brasília e lá ficamos por mais de um mês na busca de solução.

Graças a esta luta, conseguimos pela primeira vez no Brasil que fosse concedida falência com continuidade. Esta mobilização marcou profundamente a história dos metalúrgicos e a mim serviu para completar minha formação política, sindical e ideológica. O estaleiro retomou suas atividades. Aquele grupo lá de trás foi transformado em uma comissão de fábrica, do qual eu também fazia parte. Era um fato inédito ter uma comissão nos estaleiros.

No referido estaleiro trabalhei por mais de 30 dos meus mais 40 anos de vida laboral. Coordenei a comissão por um longo período, sempre buscando conscientizar os operários da necessidade de nos organizarmos no local de trabalho. Ajudei a construir com outros trabalhadores a consciência da importância de fortalecimento do sindicato, sendo a comissão de fábrica esse veículo.

Filiei-me ao PDT, participei da fundação da CUT (Central Única dos Trabalhadores). Participei do movimento de oposição sindical que, no final dos anos 80, colocou um ponto final no velho modo de fazer atuação e inaugurou em nosso sindicato as práticas do novo sindicalismo.

Atuei sempre no campo da esquerda democrática, visando melhores condições de saúde no ambiente de trabalho. Incentivei a criação de CIPAS e de cursos de formação para seus membros.

Sou membro do Fórum Intersindical Saúde - Trabalho-Direitos Humanos/RJ desde sua fundação e também sou membro do Fórum Estadual da Saúde. Fiz parte do grupo no Ministério do Trabalho que discutiu e elaborou a NR 34, representando os metalúr-

gicos navais. Participo dos movimentos: contra o racismo, em defesa dos direitos das pessoas em condição de rua, em defesa do SUS, dei aula em pré-vestibular comunitário.

Constantemente realizo formações em escolas e grupos sobre consciência política, opressões, educação étnico-racial, direito dos trabalhadores. Nestes momentos, sigo numa perspectiva dialógica, como nos lembra o grande educador Paulo Freire. Assim, aprendo enquanto ensino e vice-versa, sempre tendo por mote a construção de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e das possibilidades organizativas de luta contra as desigualdades sociais constituintes do sistema capitalista.

Hoje, aposentado, sou filiado ao PT, participando ativamente no Sindimetal como diretor do grêmio dos aposentados com muito orgulho. Fui abduzido pelo Blog Multiplicadores de Visat, em que participo na Coluna Opinião, uma de suas seções como cronista de fatos históricos, dos quais são exemplos: Saúde, Trabalho, Direitos Humanos, Movimentos Sindical e Sociais.

Tenho meus amores que são: nossa cidade, o magnífico Rio de Janeiro, meu Vasco, meus livros, meu sindicato, cozinhar, o fórum intersindical, os amigos e por fim, minha filha, uma joia raríssima. Os amores não estão necessariamente nesta ordem de preferência.

Por fim, destaco que este texto não é apenas uma biografia, mas também um chamado à ação e à esperança, inspirando, por meio de minha história, àqueles que buscam um mundo mais justo e igualitário. O presente livro é, assim, o apogeu de uma trajetória de um homem que tem uma fé inabalável no poder de transformações das massas quando elas tomam as ruas.

Luizinho Oliveira

Agosto de 2025



O GASTO ESTRATOSFÉRICO DOS ACIDENTES DE TRABALHO

Acidentes de trabalho não são acidentes, não são frutos do acaso nem desígnios de Deus e, muito menos, ocorrem por culpa dos trabalhadores, como sempre querem fazer crer os empregadores. Acidentes amputam, matam, causam sequelas, estigmatizam, provocam desemprego, humilhações, desesperança, suicídios, desestruturam famílias. Os trabalhadores e suas entidades de representação, maiores interessados, são excluídos das decisões e dos debates que visam eliminar os efeitos desta tragédia: a organização da produção, as políticas econômicas que provocam a exploração do trabalho cada vez mais intensa e a discussão sobre as políticas públicas de saúde do trabalhador que também ficam de fora.

A saúde do trabalhador é o campo da Saúde Pública que tem como objeto de estudo e intervenção as relações de produção-consumo e o processo saúde-doença dos trabalhadores. Considera o trabalho como eixo organizador da vida social e, desse modo, determinante das condições de vida e saúde e busca transformar os processos produtivos no sentido de torná-los promotores de saúde e, não, de adoecimento e morte.

Em esforço colaborativo do MPT [Ministério Público do Trabalho] e a Secretaria da Previdência Social apurou-se que esta tragédia custou aos cofres públicos e a toda sociedade a estratosférica quantia de R\$ 67 bilhões com pagamentos a vítimas de acidentes e doenças do trabalho, no período de cinco anos, compreendido entre 2012 e 2017. A perspectiva é desoladora, visto que já considerando os gastos com os primeiros meses do ano de 2018 este montante alcançaria a astronômica quantia de R\$ 73 bilhões. A magnitude deste valor fica mais evidente quando comparado com o PIB [Produto Interno Bruto] de dez estados brasileiros que é inferior a R\$ 73 bilhões. Reforçando essa comparação, o orçamento do estado do Rio de Janeiro para 2019 é de R\$ 65 bilhões.

Esse valor será maior se considerarmos a correção monetária, as subnotificações dos acidentes e doenças no ambiente de trabalho, omissões que ultrapassam 50% facilmente e ainda existem os custos indiretos.

A Previdência Social e, em última instância, toda a sociedade brasileira, responsáveis pelo financiamento da seguridade social, são os que vêm arcando com estas despe-

sas que deveriam ser integralmente do empresariado. As verbas deste gasto escandaloso poderiam estar sendo utilizadas para melhorar as condições de vida de milhões de pessoas, sendo aplicadas na saúde, na educação e na construção de moradias populares, etc. Este quadro calamitoso assusta, mas as entidades da sociedade civil e os representantes dos trabalhadores terão que fazer o que para mudar esta triste realidade?

É lamentável termos que admitir que a perspectiva é de piora nas condições, pois o momento vivido é muito difícil. Os dois últimos anos, sob o governo golpista de Temer, foram anos de derrota para a classe trabalhadora. Em consequência, vieram a retirada de direitos, a reforma trabalhista e o aprofundamento da precarização das condições de trabalho, além de que já tínhamos o desemprego.



Como não há nada tão ruim que não possa piorar veio a eleição do famigerado Bolsonaro, que defendeu em sua campanha o aprofundamento das reformas (deformas) do Temer. O gasto dessas cifras astronômicas efetuadas pelo governo, em uma sociedade com carências sociais urgentes, para cobrir ato criminoso dos empresários que atentam contra a saúde dos operários, é um acinte ao bom senso.

Esses gastos poderiam ser racionalizados se os governos cobrassem as aplicações das leis e o cumprimento das políticas em defesa da saúde, conquistas de anos de lutas de um grupo de aguerridos militantes e de entidades, em prol de um ambiente de trabalho sadio.

SAÚDE DO TRABALHADOR E A CONSTRUÇÃO NAVAL

O setor de construção naval tem funções estratégicas para a economia de uma nação. No Rio de Janeiro esse setor teve seu nascedouro e ainda hoje representa parcela significativa das suas atividades com o maior número de estaleiros do país. O ano de 1979 foi marcante para a construção naval, quando o Brasil alcançou o segundo lugar mundial na produção de embarcações. Anos '80, o setor entra em uma grave crise, levando ao fechamento de estaleiros, causando desemprego em massa. Nos anos '90 assiste-se a uma lenta retomada da atividade naval, fase somente possível devido à luta dos trabalhadores através dos seus sindicatos que nunca desistiram de acreditar no potencial gerador de empregos do setor. Lembramos que no começo dos anos 2000 os estaleiros contavam com poucos operários trabalhando na manutenção e reparos. A retomada das atividades foi fruto de polpidos investimentos públicos com políticas direcionadas que possibilitou a abertura de novos estaleiros e a desconcentração regional do setor. Após mais de uma década de recuperação da produção naval, em 2014 o setor naval empregava, com mão de obra direta, mais de 82 mil trabalhadores em todo o Brasil, consolidando-se como o auge de sua empregabilidade.



Esse número ilustra apenas os empregos diretos, pois havia ainda um número maior de empregos gerados indiretamente, visto que cada emprego no estaleiro gera outros três na cadeia produtiva. A previsão era de termos em breve mais de 100 mil postos de trabalho. No estado do Rio de Janeiro trabalhavam mais de 20 mil operários empregados diretos. Os operários dos estaleiros sempre foram os mais politizados e participativos na vida sindical.

Estes estaleiros são reabertos numa completa desordem administrativa e econômica, maquinário inadequado, atraso tecnológico, plantas dos estaleiros antigas e inflexíveis, mobiliário sem projetos ergonômicos. O pensamento social dos administradores e donos dos estaleiros nunca estiveram voltados para o bem-estar dos operários e sim para o lucro fácil. Resultado disso são as longas jornadas de trabalho, os ambientes insalubres e um completo desrespeito às normas de segurança do trabalho.

O setor de saúde e segurança do trabalho se mantém voltado exclusivamente a atender a política da empresa e não à saúde dos trabalhadores. Inclusive, com tentativas das diretorias dos estaleiros de manipular os resultados das eleições das Cipas ou demitindo os operários mais ativos. Mesmo neste ambiente inóspito, os trabalhadores não deixavam de lutar diante do alto índice de acidentes e doenças advindas destas práticas patronais. Imaginem todos o pandemônio que foi um setor que estava com suas atividades paralisadas e de uma hora para outra se vê funcionando a todo vapor. Os resultados não poderiam ser outros, senão dispararem os acidentes, as doenças e as mortes.

Na tabela anterior não aparecem as mortes. As mortes, nunca se sabe, às vezes vêm antes, às vezes vêm na hora, às vezes vêm depois. Nos anos '80 e '90 graças à forte

Acidentes do Trabalho associados a Construções de Embarcações e Estruturas Flutuantes. Brasil, 2006 a 2013.

Ano	Número de Acidentes Registrados			
	Total	Típico	Trajeto	Doença
2006	924	642	40	242
2007	1.087	716	42	133
2008	1.476	1.160	50	18
2009	1.763	1.368	93	25
2010	1.883	1.527	91	24
2011	2.360	1.889	183	41
2012	2.278	1.739	154	95
2013	2.503	2.031	182	53

Fonte: Previdência Social

atuação dos três sindicatos dos metalúrgicos (Rio, Niterói, Angra) juntamente com o Programa/Conselho Estadual de Saúde do Trabalhador, a Fiocruz e outras instituições conseguimos a aprovação da lei estadual que banuiu o uso de areia no jateamento nos estaleiros do RJ. O uso da areia causava a silicose, doença mortal, mais conhecida como pulmão de pedra. Vários foram os companheiros vítimas desta moléstia e muitos foram ao óbito.

O efeito desta irresponsabilidade dura até os dias de hoje, pois muitos já estavam afetados. Embora seja um setor que movimenta bilhões de reais e tem especificidades, e inegavelmente de alto risco para se trabalhar, ainda não se tinha uma NR (Norma Regulamentadora) para os estaleiros que aplicavam nas suas atividades a NR da construção civil (NR 18).

O movimento sindical sempre questionou essa anomalia, cobrando a necessidade de se ter uma NR específica do setor.

Fruto deste debate e por conta do aumento da atividade produtiva e consequentemente dos acidentes, no ano de 2008 foi criado o grupo tripartite composto por trabalhadores, patrões e governo com a finalidade de elaborar uma NR da construção naval.

Foram 2 anos de profícuos debates que resultaram na aprovação da norma NR 34 e a sua vigência se dá a partir do ano de 2011.

Eu participei de todo o processo representando os metalúrgicos do RJ e continuo membro da comissão tripartite para o acompanhamento e a sua implementação. Nesses novos tempos para a segurança no setor, a norma não foi o remédio para todos os problemas, mas possibilitou elevar o patamar do debate.

Passado algum tempo, podemos dizer que houve avanços, mas ainda estamos longe do razoável em termos de melhorar as condições de trabalho. O que mais escandalizava era a naturalização das mortes por acidentes de trabalho ocorridas nos estaleiros. No ano de 2014 inicia-se nova crise no setor, e é a velha ladainha dos empresários que só querem lucro fácil e jogam nos ombros dos trabalhadores os ditos prejuízos, então começam as demissões, depois de um período de fartas ilusões. Hoje, dos mais de 82 mil trabalhadores no Brasil, sendo 22 mil só em nosso estado, restou apenas cerca de 15 mil trabalhando em todo Brasil.

No Rio de Janeiro praticamente todos os estaleiros estão com as portas fechadas. As consequências desta derrocada causada pela ganância empresarial e a leniência governamental são o desemprego de mais de 60 mil operários, a decepção, o desespero, as doenças e os traumas de fundo psicológico.

Companheiros morrem por doenças cardíacas, suicídios.

Ressalta-se que, com a conivência do poder público, os patrões demitiram e não pagaram as verbas rescisórias na maioria das demissões. Hoje estamos lutando pela volta das atividades nos estaleiros. Temos a certeza que o aprendizado adquirido por nós trabalhadores e militantes pela saúde do trabalhador nos encontros, nas palestras e debates na busca da melhora da qualidade de vida para os operários com o apoio de várias entidades - destacando-se o Fórum Intersindical - nos forneceu uma ferramenta útil na crença de que, havendo o retorno, ele se dará em bases mais humanas.

TRANSTORNO MENTAL É A 3ª CAUSA DE AFASTAMENTOS DE TRABALHO

Mudanças de humor, tristeza, ansiedade, sentimento de culpa, descontentamento geral, desesperança, perda de interesse, solidão, sofrimento, baixa autoestima, choro excessivo, irritabilidade e isolamento social são sintomas de quem sofre de transtornos mentais e comportamentais no ambiente de trabalho. A fonte principal destes males que acometem o(a)s trabalhadores(as) é a ganância dos empresários pelo lucro fácil, carga horária cada vez mais excessiva em um ambiente de trabalho que exige do(a)s operários(as) um desempenho sempre além das suas reais condições físicas e mentais. Trabalhadores ainda convivem com assédio moral e sexual institucionalizados, banalização da violência, relações interpessoais norteadas por autoritarismo de chefias despreparadas e incompetentes, alta concorrência entre o(a)s trabalhadores(as) em busca de metas de produtividade lunática. Toda essa prática busca a desvalorização das potencialidades individuais do(a)s operários(as), fazendo com que se sintam como máquinas e não seres humanos, dificultando, assim, a percepção dos chamados riscos psicossociais no ambiente de trabalho que afetam a saúde mental. Contribui, também, para o agravamento do adoecimento mental no ambiente laboral, a crise que assola a economia do país, trazendo com ela o desemprego, o endividamento pessoal, o arrocho salarial e a incerteza quanto ao seu futuro e de seus familiares. Grandes responsáveis são os governantes e parlamentares, ambos eleitos pelo povo, que criam leis que só atendem aos interesses da classe patronal e de seus asseclas.

No Brasil, onde as políticas de proteção à saúde do(a)s trabalhadores(as), por parte dos governos inexistem, as doenças de fundo emocional e os transtornos mentais nos ambientes de trabalho vêm ganhando espaço e já são a terceira causa de afastamento por incapacidade para o trabalho, correspondendo a 9% das concessões de auxílio-doença e aposentadoria por invalidez. Depressão e estresse são a principal causa de pagamento de auxílio-doença não relacionado ao acidente de trabalho, contabilizando 37,67% do total e outros transtornos de ansiedade correspondem a 17%. O estresse foi a causa de 79% dos afastamentos de 2012 a 2016 [Boletim Quadrimestral da Previdência]. Claro que isto são gastos das verbas públicas, pois bem sabemos que os patrões

causam as doenças, mas os gastos sempre sobram para nós contribuintes.

Tem-se a recusa por parte dos departamentos médicos das empresas, orientados que são pelos empresários e pela previdência, do reconhecimento da efetiva relação do modelo desumano de trabalho com o adoecimento mental.

O reconhecimento desta relação seria o primeiro passo para a melhoria dos ambientes de trabalho, trazendo um processo focado na prevenção destes agravos e na promoção da saúde e bem-estar do(a)s operários(as).

Pelo contexto apresentado, as reclamações do(a)s trabalhadores(as) não podem ser consideradas “mimimi” pelos departamentos médicos das empresas, nem pelos serviços de saúde governamentais, visto que as vítimas deste mal estão aumentando a cada dia.

Nós, sindicalistas operários, temos que admitir nossa dificuldade em lidar com este grave problema dos transtornos mentais e suas consequências. Falo enquanto ativista metalúrgico, pois trabalhamos em um ambiente majoritariamente masculino, onde um falso vigor físico e mental faz com que cada operário, seja num estaleiro, numa metalúrgica, ou em qualquer fábrica, um pseudo-super-homem impossível de ser abatido por qualquer doença, principalmente de fundo psicológico.

As lideranças sindicais absorvem esta cultura e não se veem debates focados em reconhecer a existência deste adoecimento no conjunto do(a)s trabalhadores(as).

De certa forma, percebe-se até um desprezo pelo tema.

Devemos entender que o(a)s trabalhadores(as), hoje dirigentes sindicais, vieram deste ambiente.

Entendo que as entidades que lutam em defesa da saúde dos trabalhadores terão um papel importante de preparar os sindicalistas para que tenham uma visão voltada para o agravamento do quadro de adoecimento mental.

É necessário nos unirmos em torno desta causa e torná-la um problema de saúde pública, atentando que a OIT nos alerta que na Europa já são 40 milhões de trabalhadores(as) afetado(a)s por transtornos e, no Brasil, a OMS estima que esse número chegue a 23 milhões de trabalhadores(as).

Todos nós devemos nos transformar em militantes na defesa de alertar para a gravidade do problema - chamado transtorno mental - e preparar o(a)s trabalhadores(as) para terem a coragem de se expor tendo a certeza que terão a compreensão como acolhida e não a “chacota”.

Para finalizar, entendo que devemos lutar para que o local de trabalho se torne um

ambiente ideal para abordar os fatores psicossociais no intuito de proteger a saúde e o bem-estar social do(a)s trabalhadores(as), por meio de medidas coletivas, de políticas preventivas, eliminando assim o conceito de que o trabalho adoece. Sem um bom nível de saúde no trabalho o(a)s operários(as) não podem contribuir para a sociedade, nem tampouco para seu próprio bem-estar e de seus familiares.

“Uma organização saudável é aquela que valoriza e pratica a facilitação do bem-estar dos trabalhadores”.



RACISMO COMO IMPORTANTE LIMITE NA ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES

Os ideólogos da burguesia, porta-vozes do neoliberalismo e do pensamento único, costumam argumentar que não existe discriminação racial vigorando por esses trópicos. Apesar do triste e longo histórico de escravidão, ainda há a falácia de um perfeito convívio entre seus habitantes independentemente da cor da pele, sexo ou etnia. Infelizmente não é bem assim. A História do Brasil mostra que a população pobre negra, maioria do nosso povo, é fortemente discriminada na sociedade e, em especial, no mercado de trabalho, ganhando menos, trabalhando mais e, em condições mais precárias. São as maiores vítimas do desemprego, da miséria, dos homicídios, carece de saúde e educação - as consequências desta calamidade social -. É que mesmo com o falso fim da escravidão os donos do poder criaram leis que impediam os negros recém-libertos de possuírem terras, fazendo com que negros livres permanecessem escravos de um sistema econômico injusto, afastando-os do processo de participação nos setores mais dinâmicos da economia, usando como desculpa para suas atrocidades a tal meritocracia, enquanto se aplica despidoradamente a desigualdade de oportunidades.

A história do movimento sindical brasileiro não analisa com o devido aprofundamento a herança que nos foi deixada pela luta do trabalhador negro-escravo através de: participação em irmandades, rebeliões, movimento abolicionista.

As formações de quilombos constituem as primeiras organizações sociais criadas para enfrentar a tirania dos senhores e as condições degradantes do trabalho escravo, incluindo a saúde nos vários ciclos econômicos. Acredito ser esta forma de organização o embrião dos sindicatos. Malungo irmão, companheiro, era o tratamento entre os escravos. O discurso de que os negros se submeteram passivamente à escravidão é falso.

Este grave erro se repetiu também na formação da classe operária brasileira e a consequente geração das riquezas na economia agrícola e industrial predominante no Brasil.

Essa ausência leva-nos à reafirmação da história única marcada pela superioridade cultural e racial dos imigrantes europeus que se avolumaram no sudeste e sul no fim da escravidão. Retira-nos o conhecimento de uma sociedade cuja diversidade racial era imensa reduzindo-a à branquitude e à mestiçagem, estando a primeira nos melhores



ofícios e posições e a segunda nos limites da pobreza e da sujeição. Impede-nos, ainda, a compreensão dos males provocados pelo racismo para a sobrevivência e ascensão socioeconômica da população negra até os dias atuais. Para o desenvolvimento do trabalho assalariado em nosso país foram trazidos mais de quatro milhões de imigrantes europeus entre 1871 e 1920.

Num período de meio século entrou no país um número de estrangeiros equivalente ao de negros retirados à força da mãe África em mais de trezentos anos para serem escravizados.

A estrutura excludente e de marginalização da população negra estava instituída. No interior das organizações do movimento operário é constante a reprodução de atitudes e discursos racistas sem que eles sejam percebidos como tal.

O racismo é praticado por inúmeros militantes e dirigentes que o condenam. Combater o racismo não pode ser compreendido simplesmente como reconhecer a sua existência e sim se posicionando contra ele. A luta antirracista exige dos sindicalistas a construção de uma cultura política que permita aos companheiros negros e negras as mesmas oportunidades de participação nas instâncias de decisão das organizações sindicais, levando em consideração as condições objetivas que permeiam a vida dos negros e negras em prol dos quadros brancos. É de fundamental importância que as diretorias dos sindicatos em suas frentes de atuação, assim vistas como seus instrumentos de luta, insiram na sua política de formação a questão racial. Assim, derrubaremos barreiras que implicam nas práticas racistas efetuadas no dia a dia dos sindicatos.

Um significativo passo na busca pelo nosso aperfeiçoamento organizativo é o reconhecimento pelos companheiros brancos dos privilégios que a sociedade lhes reserva e que são mantidos mesmo nos espaços organizados dos trabalhadores e trabalhadoras. A categoria metalúrgica é representada pelo Sindimetal RJ, sindicato com um centenário de existência que já contou com mais 200 mil trabalhadores em sua base, formada majoritariamente por negros e negras.

Por conta disso, diversos negros o presidiram numa direção composta em sua maioria por candidatos negros. No entanto, por falta de conhecimento, ou até mesmo por não se assumirem como negros, a questão do racismo, muito presente em nosso meio, nunca foi o foco em nossas discussões nas montagens de pauta de acordos e nos debates no sindicato.

Sabemos que nas empresas o racismo e a discriminação são fenômenos concretos e usados principalmente pelo empresariado para aumentar a taxa de exploração aumen-

tando seus lucros. Existe uma agenda de ações afirmativas para serem implementadas que é uma conquista do movimento negro organizado e demais entidades que lutam em defesa dos direitos dos trabalhadores, dentre esses direitos o da saúde que os dirigentes sindicais precisam assumir a luta pela implantação. Recusar a marginalização racial é desafio para todos, o que demanda a abertura de um processo contínuo de negociação, em que diferentes atores estejam presentes em torno de objetivos da equidade, do acesso à justiça e do fim do racismo. Para a realidade brasileira e para o sucesso da luta do movimento operário contra o racismo se faz essencial que os militantes e os dirigentes sindicais possam traduzir em companheirismo a confiança política que é elemento fundamental para o empoderamento e melhoria da capacidade dirigente dos companheiros que sentem na pele os efeitos nocivos de todo o preconceito produzido e propagado contra os negros e negras em mais de 500 anos de história.



A BARBÁRIE: OS 6 MESES QUE ESTÃO RETROCEDENDO 50 ANOS

Nos últimos meses, o Brasil tem vivenciado uma das piores experiências políticas dos últimos 50 anos. O governo Jair Bolsonaro já disse a que veio desde o seu primeiro dia de mandato: acabar com os direitos da população mais pobre. Em poucos meses, seu governo extinguiu ministérios e secretarias essenciais, como os Ministérios do Trabalho e da Previdência. Reduziu o valor do salário mínimo, cortou verbas da educação e da saúde, instalando no meio dos mais pobres um verdadeiro clima de terra arrasada. Se alguém tem que pagar a conta, nunca ela é cobrada dos endinheirados ou da classe empresarial, sobrando invariavelmente para os menos favorecidos.

A especificidade dos retrocessos desse período se faz sentir com tamanha intensidade pelo fato de a classe trabalhadora e os setores da saúde e educação terem tido importantes conquistas nestas últimas décadas. Entre essas conquistas estão o direito à educação e a um sistema de saúde público, gratuito, 100% estatal. Destaca-se que esses direitos não caíram do céu, foram obtidos com muita luta do/as trabalhadores/as. Conquistamos também a visibilidade das desigualdades de gênero e raça, através de um conjunto de movimentos e ações que desvelaram o “mito da democracia racial” no Brasil e o reconhecimento do feminicídio como crime. O desmonte do Estado e os ataques desferidos aos avanços sociais cometidos por este desgoverno passam pela construção política-moral-econômica de que é necessário combater, perseguir e invisibilizar todos(as) que não coadunam com o projeto político de extrema direita do presidente Bolsonaro e seus assessores, a fim de melhorar as condições de vida da população.

Perseguem professores/as e funcionários/as da saúde, responsabilizam o funcionalismo público e os demais trabalhadores pelos pseudoproblemas econômicos e da previdência e inviabilizam a própria existência de negros/as, mulheres, indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais.

As consequências deste nefasto projeto, eleito como opção dos capitalistas, já se fazem sentir em nosso cotidiano.

O aumento da violência, intensificação do feminicídio, os profundos ataques às organizações dos trabalhadores, especificamente contra os sindicatos, cortes nas verbas



da educação, da saúde levando mais precarização ao atendimento nestes setores.

Cadê o novo? Cadê a moralidade?

Em meio a esse caos intencional deste desgoverno, a classe trabalhadora e os demais setores da sociedade civil organizada já começaram a demonstrar que estão dispostos a lutar, reagir e resistir. Estes setores chegaram à conclusão que de nada adianta o desalento. É entregar o ouro ao bandido. Desopilar o fígado nas redes sociais é acender o fósforo para conferir se há gasolina no tanque. A questão é mais profunda: apesar de todo o sofrimento imposto ao povo pela classe dirigente e seus apoiadores no Brasil, ainda não conseguimos criar uma cultura política.

Mesmo com todas essas dificuldades, o povo já começa a perceber que o equívoco cometido só será corrigido com muitas manifestações de rua e com a unidade dos despossuídos. Tivemos um 1º de maio com milhões de trabalhadores em manifestações,

os estudantes também foram às ruas em massa, como há muito tempo não se via, em protesto contra os cortes nas verbas da educação.

Um dos gritos de guerra deles era “Agora é Pra Valer: Trabalhadores e Estudantes Unidos Pra Vencer.”

Coroando estas lutas, tivemos a greve geral e a reação violenta do governo Bolsonaro e de seus aliados, colocando todo aparato policial para repressão de nossa luta.

Mostrando que nossa meta foi alcançada, a população deu mostras de estar retomando sua disposição de luta: a greve tirou aqueles que estão no poder da zona de conforto e os incomodou. O sucesso das manifestações deveu-se muito à unidade das centrais sindicais: algo há muito tentado, mas poucas vezes conseguido, devido às vaidades dos seus dirigentes. Somaram-se também os demais movimentos organizados, em especial os da saúde. O outrora arrogante governo já pôde perceber que não é tão senhor assim da situação e o povo viu que pode mais e mais, bastando para isto politizar a problemática.

A população descobriu também que apesar de tudo não nos resta outra via fora da política democrática. Pode-se odiá-la, repudiá-la ou ficar indiferente, mas é ela que determina a nossa qualidade de vida, como trabalho, moradia, alimentação, educação e saúde. Quem não gosta de política, é governado por aqueles que gostam. E tudo o que os maus políticos, de que são exemplo os governantes atuais, querem é que fiquemos alheios à política. Assim, daremos carta de alforria a corruptos, nepotistas e vendilhões dos bens públicos. O nosso desafio maior é fazer com que as manifestações se multipliquem numa ação unitária de mobilização de forma organizada com direção, bandeiras e pautas em defesa dos direitos da classe trabalhadora e dos demais segmentos, formados pelos menos favorecidos.

A hora é agora. Por nós, pela juventude e pelas futuras gerações.

A CRISE DO SINDICALISMO E A TRANSIÇÃO NECESSÁRIA

Os sindicatos devem levar ao mundo a convicção de que os seus esforços, longe de serem egoístas e ambiciosos têm antes por objetivo a emancipação total das massas oprimidas.

Karl Marx

No Brasil, com seu passado escravocrata, os trabalhadores sempre pensaram para construir seus sindicatos. A primeira lei a tratar da organização dos trabalhadores em sindicatos é de 1908, mas proibia a participação dos trabalhadores imigrantes que constituíam naquela época mais de 90% da força de trabalho. O capital e seus representantes nunca permitiram o acesso dos dirigentes sindicais aos locais de trabalho.

As condições de vida e trabalho da grande maioria dos trabalhadores nos anos '20 era de extrema precariedade.

As jornadas de trabalho eram de 12 a 16 horas sem descanso remunerado, sem férias anuais, sem contrato de trabalho, uso de mão de obra infantil. Os donos das empresas eximiam-se de qualquer responsabilidade em caso de doenças profissionais, acidentes no trabalho. Até o final dos anos '20 a luta dos trabalhadores era predominantemente comandada pelo pensamento anarquista. Deste primeiro momento alguns aspectos da trajetória do sindicalismo brasileiro chamam atenção, em primeiro lugar foi a busca de unidade dos setores mais ativos e conscientes do meio operário. A compreensão de que era necessário articular uma ação para a unificação de distintas categorias baseada na solidariedade operária.

Foi alcançada esta unidade, vieram as greves, os movimentos contra a carestia e de apoio à luta dos trabalhadores mundo afora. Até meados dos anos '30, a atuação dos trabalhadores via sindicatos era tratada como “caso de polícia”.

Getúlio Vargas, que precisava do apoio operário ao seu projeto de nação, legalizou os sindicatos ao mesmo tempo que tentou cooptá-los. “Não é preciso matá-los, é possível domá-los”, ironizava o hábil político. Ao longo da década de 1930 o Estado brasileiro criou um grande número de leis que regulamentaram as relações capital/trabalho, o

trabalho feminino, as férias, criação da carteira de trabalho, jornada de 8 horas, etc. A ideologia de que estes direitos foram concedidos de mão beijada pelo Estado brasileiro não condiz com a verdade. Visto que vários destes direitos já haviam sido conquistados advindos de uma série de longas lutas.

Foram frequentes as lutas por aumentos de salários e melhores condições de trabalho com a ocorrência de um sem número de greves. Ficou claro para o governo Vargas que os trabalhadores e os sindicatos não estavam tão domados assim.

O movimento sindical brasileiro novamente se reorganiza a partir de 1945, criando várias organizações de representação que tinham como objetivo a rearticulação sindical.

Entre 1950 e 1962 vários encontros sindicais são realizados e é fundado o CGT (Comando Geral dos Trabalhadores) e outras organizações operárias.

O CGT conseguiu fixar certas raízes no sindicalismo brasileiro. O governo JK foi um período de crescimento econômico sem ganhos para os operários, a classe operária cresceu, foi expressiva a participação sindical na vida nacional.

Os sindicatos participaram, ainda, de grandes jornadas políticas e greves nacionais pleiteando uma melhor distribuição das riquezas originadas da chegada das empresas multinacionais. A ditadura militar de '64 desferiu um duro golpe no sindicalismo. Os sindicatos sofreram intervenção, diretorias foram destituídas e cassadas e em seus lugares foram impostos descarados pelegos ou agentes da polícia, sedes sindicais invadidas, depredadas e seus dirigentes foram presos. A luta sindical enfrentou completa ausência de liberdades e o autoritarismo. O retorno das mobilizações dos trabalhadores só ocorreu a partir de 1977, com as grandes campanhas salariais e as greves que ocorreram em todo o país.

O restante da década foi dedicado à participação política do movimento sindical. Os trabalhadores assumem mais uma vez um papel relevante na luta pela redemocratização.

Destaca-se sob essa ótica o governo Sarney, que foi marcado por planos econômicos contendo arrocho salarial.

Os trabalhadores responderam com greves e mobilizações na busca de romper o arrocho. Essas mobilizações políticas foram desaguar na atuação dos sindicalistas na Assembleia Nacional Constituinte, onde lutaram para não permitir que retirassem direitos já conquistados e batalhando para que tivéssemos novas conquistas. Após duros embates com o empresariado, vanguarda do atraso, conseguimos que direitos não fossem retirados e ainda foram ampliados. Chegamos ao governo neoliberal e de reestruturação produtiva de FHC, de triste memória para os operários. Depois de mais de vinte anos de uma

árdua luta contra a ditadura militar e do enfrentamento de mais uma década de ofensiva neoliberal, em 2002, um líder operário “Lula” chega à presidência do Brasil.

Nesse governo, os trabalhadores tiveram participação nas políticas sociais. A economia cresceu e, pela primeira vez na história, a classe operária é beneficiada e os sindicatos crescem. Estes avanços chegam até o governo “Dilma”.

Para as elites atrasadas brasileiras isso era intolerável: este avanço tinha que ser detido e então veio o golpe em 2016.

Assume o poder o ilegítimo Temer. Seu governo partiu com todo ódio pra cima dos sindicatos com a tal da “deforma trabalhista”, que tinha como uma de suas finalidades o ataque aos sindicatos. Essa “deforma” foi um presente do Temer ao empresariado, capitão-mor do golpe contra Dilma.

Por último, veio o Bolsonaro que, já na sua campanha eleitoral, dizia que os operários no Brasil tinham direitos demais.

Eleito, tornou-se uma obsessão para este desgoverno destruir os sindicatos. Demos nossa resposta promovendo mobilizações contra essas atitudes anti-sindicais. Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, o movimento sindical não sucumbiu, mas vive seguramente seu pior momento da história e precisará se reinventar para seguir em frente.

O dirigente sindical não deverá desanimar, afinal é somente através do outro que a humanidade ganha existência.

Sem o outro não há alegria, beleza, encanto ou amor. Os seres humanos estão destinados a este encontro que também acontece na dor e no sofrimento e, principalmente, na luta.



AONDE A DESIGUALDADE DA RIQUEZA LEVARÁ O BRASIL

Vivemos atualmente um trágico sistema econômico mundial denominado financeirização da economia, que prioriza drenar recursos públicos dos setores produtivos para a farra de banqueiros e de especuladores e, obviamente, para o enriquecimento dos parasitas de plantão. O Brasil não ficou fora dessa praga universal, aplicando com fidelidade canina seu receituário de maldades direcionando verbas para este nefasto sistema em detrimento do atendimento a direitos mais elementares, como alimentação, saúde e educação paralisando a economia produtiva, enquanto os bancos e outros agentes financeiros auferem lucros e dividendos astronômicos, aliás, livres de taxaço, caso único no mundo.

Fazer funcionar a economia em função dos interesses nacionais não é algo impossível. Consiste em direcionar os recursos dos impostos pagos pelos cidadãos para o setor produtivo e o fortalecimento do setor manufatureiro, ao invés de o governo submeter-se aos ditames dos rentistas nacionais e internacionais, em detrimento do atendimento aos mais necessitados. Não é tão complicado saber o que estes seres necessitam. Basta darmos uma olhada à nossa volta e logo veremos que saúde, educação, moradia, empregos estão fora do radar de atenção das políticas governamentais, e os recursos destes setores indo parar nas mãos dos ricos. Ao direcionar os recursos públicos para a base da pirâmide social, tivemos esta experiência em anos recentes, testemunhamos que os seus componentes os transformam em consumo de bens e serviços gerando renda, empregos e impostos aos cofres governamentais, ao contrário dos especuladores. Este girar da roda da economia em nada interessa aos rentistas que, com sua volúpia por lucro fácil, boicotam com todas as armas o incentivo à atividade industrial e os investimentos em infraestrutura. Na visão dessa minoria, esse modelo não é saudável economicamente.

É aí que entra a mídia com os economistas profetas do caos, donos da verdade, com uma linguagem tecnocrática e confusa, reforçando os argumentos anti-povo. Políticas sociais, como saúde, educação, cultura, segurança e semelhantes não são despesas e sim investimentos, pois promovem o consumo consciente e melhoram o bem estar. Professores, médicos, produtores culturais e diversos outros profissionais quando entram em ação é mais emprego e renda. O consumo de bens e serviços, seja individual ou coletivo,



se equilibra neste ciclo. Com o aumento sistemático dos salários com ganhos reais, proporcionalmente haverá um ganho na capacidade de compra das camadas populares e a natural expansão no acesso à saúde, educação, universal, pública e gratuita. A política econômica em vigor, no Brasil, está na contra-mão da História, quando seus ideólogos implementam a redução de impostos para os ricos, precarizam as relações de trabalho, suprimem políticas sociais, cortam investimentos na educação, na saúde e aceleram as privatizações dos bens públicos.

As elites dominantes brasileiras que sempre se beneficiaram de recursos públicos para aumentar seus patrimônios vendem-nos a ideia de que mais dinheiro em suas mãos se transformariam em investimentos no setor produtivo e na geração de empregos.

Mas a experiência tem nos mostrado que esta prática tem sido nefasta para o conjunto da sociedade, visto que os ricos ficam cada vez mais ricos aumentando a concentração de renda e as desigualdades proliferam. No Brasil são maiores as fortunas financeiras e o drama de termos 1% detendo mais patrimônio do que os 99% restantes e seis famílias possuem mais riquezas do que a metade mais pobre do país e os 5% mais ricos têm mais do que os outros 95% [<https://oxfam.org.br/publicacoes/>].

De onde vem tanta fortuna e em tão poucas mãos?

Certamente não vem do setor produtivo. De um lado, vem da apropriação vergonhosa dos rendimentos provenientes de papéis da dívida. Só em 2018 foram bombeados para os bolsos dos especuladores algo em torno de 400 bilhões de reais. De outro, vem dos lucros do setor bancário, visto que enquanto a economia encolhia nos últimos anos os bancos batiam recordes atrás de recordes na obtenção de lucros.

Estava pronta a festa desta ínfima minoria. Enquanto eles se esbaldam, milhões de pessoas morrem e sofrem as consequências desta jogatina macabra. Há ladrões no pedaço. Mostrado o fato incontestado no sentido de que a desigualdade da riqueza está aumentando em proporções desumanas, será possível que os capitalistas e os beneficiários do rentismo não são capazes de compreender a gravidade do abismo que estão cavando e para o fundo dele conduzindo o mundo e as pessoas?

Sabem também que é preciso conter a insatisfação dos excluídos, de modo a evitar a explosão que resultaria em caos político ou revolução. Assim canalizam a miséria e a pobreza para o alívio virtual da religião, tornando-a o “ópio do povo”. É tempo de as direções dos sindicatos ampliarem a compreensão de que a forma tradicional de mais-valia, onde o patrão produz e paga mal, levando os trabalhadores a lutarem por

melhores salários foi brutalmente agravada por uma nova forma de exploração, que é feita através de compras ou transações, via cartões de crédito, crediários, empréstimos, pagamentos de tarifas e juros abusivos.

É o rentismo. Seguramente é a forma mais brutal de exploração a que o ser humano já foi submetido. Tornou-se um entrave para o incentivo aos processos produtivos e às políticas públicas de resgate social. Outra faceta do rentismo foi que, para defender seus interesses, ele não mediu esforços para capturar o poder judiciário, os partidos políticos, o sistema econômico e a mídia em geral.

Todo este aparato hoje reza na cartilha rentista, o círculo do mal está fechado. Acredito que as forças vivas da Nação, principalmente os jovens, os sindicalistas, as organizações da sociedade civil deveriam se esforçar mais no sentido de melhor entender a difícil situação pela qual passa o Brasil, praticamente em todos os aspectos. Apontar soluções que contribuam efetivamente para a quebra deste ciclo vicioso é a única maneira de sonharmos com um futuro melhor para todos, interrompendo a marcha da insensatez - obra das elites - que está levando o nosso povo a passos largos rumo ao abismo da extrema desigualdade social e econômica. Não podemos, neste momento, optar pela alienação política. Resta aos críticos saírem de suas redomas acadêmicas para ajudar os excluídos a descobrirem que possuem forças que, somadas e com alvo definido, são capazes de virar este jogo.



RESISTIR É PRECISO... DITADURA FAZ MAL AO BRASIL

Um grupo social que queira explorar economicamente outro grupo, para extrair permanente e continuamente o produto do seu trabalho, precisa saber antes tudo que não há grupo que se deixe explorar de modo direto e violento sem reação. E para debelar esta reação há os custos financeiros e sociais. Em 1964, o grupo da elite do dinheiro, formado pelo empresariado da indústria e de outros segmentos, donos dos meios de comunicações, latifundiários, se viu ameaçado de perder o direito de retirar o dinheiro da sociedade, produto do trabalho de todos, para os seus bolsos.

Para manter seus podres poderes, a elite do dinheiro recorreu à elite dos quartéis, os militares, e juntos num golpe civil militar depuseram do poder o presidente João Goulart, eleito democraticamente.

A prática dos gorilas de plantão foi satisfazer a gula desenfreada pelo lucro dos capitalistas em terras brasileiras e estrangeiras. Combinando repressão, autoritarismo, arrocho salarial e submissão ao capital internacional, chega-se ao tão alardeado milagre econômico, sendo que o sangue e o suor da classe operária foi o seu combustível.

Os golpistas promoveram uma escalada repressiva aos sindicatos nomeando interven-tores, prendendo os dirigentes. Atacaram os direitos dos trabalhadores, acabando com a estabilidade no emprego, proibiram as greves e aplicaram um terrível arrocho salarial.

Em mais de duas décadas de ditadura o salário mínimo perdeu mais de 50% de seu valor de compra. A pobreza disparou, os endinheirados fizeram a festa, a elite do atraso alcançou seus objetivos. Esta elite não poderia fazer outra coisa neste momento a não ser defender ardorosamente os autores do golpe civil militar apoiados por ela, visto que sua gula foi saciada.

Os ditadores censuraram a produção artística e controlaram com mão de ferro a imprensa, mataram, torturaram, prenderam pessoas pelo simples direito de defenderem seus pontos de vista, perseguiram artistas, professores, juristas, escritores, cientistas (vide o Massacre de Manguinhos), fecharam o Congresso Nacional, cassando mandatos de parlamentares eleitos pelo povo, suspenderam os juizes do superior tribunal, mandaram para o exílio pessoas tidas pelos ditadores como indesejadas, por não se submeterem aos seus caprichos.



Pensar em direitos humanos era um sonho. O relatório da **Comissão Nacional da Verdade** mostrou que os militares disseminaram a morte e o terror. Idosos, grávidas e crianças não escaparam da sanha torturadora. Tal prática resultou em 434 mortes e milhares de desaparecidos. Houve ainda os suicídios.

Foram responsabilizadas mais de 300 pessoas entre militares e até ex-presidentes. Se o acesso à saúde pública, à educação e à segurança hoje estão longe do ideal, naqueles

tempos era pior, pois os bens públicos foram tomados de assalto. É balela dizer, como fazem os simpatizantes daquele regime, que não havia corrupção. Havia sim.

As empreiteiras, hoje envolvidas em práticas de corrupção, nasceram do ventre da ditadura.

Não faltaram os escândalos financeiros e de desvio de recursos públicos para o setor privado, para socorrer empresários falidos. Ditaduras são regimes corruptos por excelência, acobertados pelo autoritarismo.

A promiscuidade entre interesses privados e públicos foi aprimorada nesse período. Com a imprensa censurada tudo era ocultado. Outro mito que caiu por terra foi o da competência dos militares. A ditadura civil militar afundou a economia do país nos mais de 20 anos de arbítrio.

A dívida externa que era de 15% do PIB em 1964, saltou para 54% em 1984, crescendo 30 vezes mais, passando de 3 bilhões de dólares em 1964 para 100 bilhões em 1985.

A inflação chegou aos astronômicos 232%, a taxa de desemprego em alta. Piora de todos índices sociais.

Passados 21 anos de ditadura, o Brasil estava quebrado, humilhado, apequenado, ajoelhado, diante da comunidade internacional. Nós não podemos deixar que os jovens ou outras pessoas que não vivenciaram os horrores daqueles tempos sejam ludibriados pelo presidente boquirroto que, cinicamente, defende um regime que matou e torturou.

Ao discursar negando a ditadura, o presidente Bolsonaro expressa o seu alto grau de ignorância histórica.

Espanta a todos que tenham um mínimo de consciência que, passados mais de 30 anos de construção democrática e de termos um presidente da república produto desta construção, pudesse ser celebrada a famigerada ditadura. Página triste de nossa História.

Temos de gritar com toda a força de nossos pulmões “Ditadura Nunca Mais”. Por toda razão não deixa de ser tentadora a indagação, caminhamos no XXI, mais uma vez para a repetição de uma tragédia ou de uma farsa? Daríamos razão a Marx? Quando disse que os fatos e os personagens históricos ocorrem duas vezes, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa.

Nós precisamos, mais do que nunca, ter garantido o direito de luta num país desigual, em que grande parte da população brasileira ainda não alcançou direitos básicos.

Nosso nome é resistência! Resistiremos nas ruas, nas redes sociais com o grito de guerra: “Ditadura Nunca Mais”.

ABRA A MENTE: RACISMO NÃO É COISA DE GENTE

Há décadas, novembro se tornou referência da luta, resistência e, principalmente, rebeldia do povo negro que, historicamente, tenta romper com esse sistema racista e opressor, articulado nas diversas esferas da sociedade. 20 de novembro é o dia da consciência negra e homenageia Zumbi - líder do Quilombo dos Palmares -, símbolo da resistência de um povo, data importante para todos refletirmos. Contudo, é fundamental lembrar que todo dia é dia de despertar em nós a consciência e a defesa da cultura negra. A prática de racismo no Brasil é estrutural e institucional nas relações sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais.

O capitalismo se vale da dominação racial para explorar a classe trabalhadora e se manter hegemônico no mundo. Capitalismo e racismo são irmãos siameses. A classe operária brasileira tem cor; ela é negra - a carne barata do mercado -. Na sociedade de classes, em tese, todas as portas estariam abertas aos proletários negros. Porém, quando os negros ascendem socialmente, o preconceito racial emerge com toda força, tanto em nome do racismo, quanto pela manutenção dos privilégios da classe dominante, predominantemente branca.

Para compreender se há racismo no Brasil basta responder: que posições estão reservadas aos negros em nossa sociedade? No mercado de trabalho, historicamente ocupam os piores postos e, por isso, recebem os mais baixos salários. Nos grandes centros urbanos, as favelas e os bairros da periferia são endereços certos dos negros. Nas universidades e em demais centros de ensino existem pouquíssimos professores negro(a)s. Os cassetes, as bombas e as balas que saem das armas policiais, em cujas corporações membros de cor negra agridem e matam seletivamente irmãos afrodescendentes, será por quê?

A população negra tem sido sistematicamente exterminada com a autorização dos poderes públicos. Negros mofam aos milhares nas masmorras das cadeias brasileiras, sem julgamentos, nem acesso aos direitos humanos, fruto de uma cultura racista de violência física ou simbólica, corroborada pelo descaso da elite branca. Muitos são os exemplos flagrantes para constatar que o racismo no Brasil não é velado e que a tal “democracia racial” não passa de um engodo. Só não o enxerga quem ainda não enegreceu o olhar para



percebê-lo. O racismo é fruto da abolição tardia da escravidão que deixou marcas indelévels na formação da sociedade brasileira (o Brasil foi o último país a abolir a escravidão). A discriminação racial funciona para os brancos como calçados que usam em uma corrida contra negro(a)s que correm descalços(/as). É uma competição tranquila para os primeiros e extenuante para os últimos. Para que a equalização racial ocorra no Brasil, em um horizonte aceitável, é preciso tirar os calçados dos brancos. Depois deixá-los correrem descalços por algum tempo e calçar os negros para que os alcancem.

Políticas afirmativas e reparadoras, baseadas em evidências que aproveitem os conhecimentos existentes sobre a reprodução da desigualdade racial, dotadas de orçamento adequado com ampla cobertura, são os calçados que os negros precisam receber. Os negros não se veem representados nos livros didáticos nem na história. É negado aos povos negros o reconhecimento das ricas heranças e contribuições sociais, econômicas, culturais, políticas, intelectuais, experiências, estratégias e valores que nos foram legadas pelos nossos antepassados africanos. A mesma elite branca banaliza a cultura negra, reconhe-

cendo somente aspectos relativos a costumes, alimentação, vestimenta ou rituais festivos sem contextualizá-los. É um procedimento a ser evitado e contestado. É preciso pensar em um novo modelo de segurança que não tenha como meta o genocídio de negros(as).

Vamos combater esta política do superencarceramento que só tem como vítima a população negra. Precisamos lutar pelo direito de viver. A ONU instituiu, de 2015 a 2024, a Década Internacional de Afrodescendentes. Seu objetivo é interagir com a população afrodescendente sobre medidas adequadas e eficazes para deter e inverter as consequências duradouras da escravidão. Em uma conjuntura de crise econômica social e política, como a vivida hoje em nosso país, a classe operária que tem cor e esta cor é negra é a que mais sofre seus terríveis efeitos. Urge, portanto, propormos saídas com um projeto esquerdista que se contraponha às ideias direitistas do atual governo. Isso necessariamente passa por pensar novas formas de fazer política que tenha como eixos estratégicos o combate ao racismo e a defesa intransigente de manutenção da Democracia.

Nesse cenário político caótico e tensionado que temos em nosso país é necessário que negros(as) estejam umbilicalmente unidos. Só assim poderemos construir as transformações necessárias e estarmos aptos a vencer a guerra contra os nossos reais inimigos - o racismo e o sistema capitalista -, para reverter os **números do racismo**. Enquanto a renda média do branco é R\$ 2.814,00, a do negro é R\$ 1.570,00. Brancos desempregados são 5,1%, negros são 8,5%. A cada 100 assassinatos 71 são de corpos negros. Negros têm 23,5% de maior probabilidade de serem assassinados. 64% da população carcerária é de negros. 70% dos moradores das favelas são negros. 80% dos usuários do SUS são negros. 61% dos casos de feminicídio atingem mulheres negras. A taxa de analfabetismo é de 22,3 entre pretos e pardos e 5% entre brancos. O racismo deve ser combatido diariamente, primeiro com atitudes individuais e depois de forma social.

Para comprovar que vivemos numa sociedade racista devemos responder a certas perguntas. Se o Brasil tem quase 50% da população se declarando negra, nós temos 50% de parlamentares negros no Congresso Nacional? Existem 50% de médicos negros? Existem 50% de juízes negros?

E para começar a combater o racismo vamos retirar do nosso vocabulário expressões racistas, tais como: denegrir; negro de alma branca; mulato(a); moreninha; cabelo bombрил; futuro ou passado negro; a situação tá preta e outras tantas.

Abra a mente. Racismo não é coisa de gente.

É PRECISO RESGATAR A CREDIBILIDADE DOS SINDICATOS

O movimento pela abertura política e anistia no país, pós-golpe civil militar de 1964, começou a ganhar mobilização nacional quando houve a adesão do movimento sindical (embora muitos estivessem nas garras dos interventores). O movimento sindical em todo o país desafiava o regime ditatorial com greves e manifestações históricas. Paralelamente à luta pela anistia dos presos políticos, o movimento sindical de esquerda começou a retomá-lo das garras dos interventores das entidades. Assumindo o controle dos sindicatos, os trabalhadores e as suas direções estavam comprometidas com as lutas pela anistia ampla e geral, pelo fim do regime militar e pelas eleições diretas, além da luta por uma nova ordem constitucional. O sindicalismo resgatou a credibilidade junto aos trabalhadores. Entre os anos 1974/1990, o movimento sindical brasileiro participou ativamente, atuando na melhoria das relações capital e trabalho, em lutas específicas, tanto econômicas quanto por melhores condições de trabalho e, também, nas lutas por bandeiras nacionais políticas.

Foi decisiva a participação dos trabalhadores na campanha das “Diretas Já” e no “Fora Collor” (impeachment).

Essa credibilidade do movimento sindical começou a sofrer arranhões, quando, nas eleições de 2002, foi eleito e tomou posse Luiz Inácio. LULA, um operário e dirigente sindical, levado ao mais alto posto da nação por um movimento que teve nos sindicatos seu mais relevante fator para a vitória.

Muitos dirigentes sindicais optaram por se aboletarem em cargos no novo governo, deixando de lado as lutas de suas categorias e foram se afastando de suas bases, tornando-se ilustres desconhecidos dos seus outrora representados.

Estes dirigentes ficaram como mariposas presas no globo da lâmpada, cegos pelos encantos e as sinecuras advindas de cargos no governo. O pior ainda estava por vir: foi quando estes dirigentes fizeram das entidades sindicais correias de transmissão de políticas de governo, traindo o compromisso assumido por eles de se conduzirem de forma autônoma e independente em relação aos poderes governamentais, algo vital para o sucesso da luta operária.

Em 2016, a elite do dinheiro e seus asseclas desferiram o fatídico golpe tirando da Presidência da República a companheira Dilma, que fora eleita democraticamente. Tinha fim a experiência de um governo que, mesmo com as suas contradições, havia pela primeira vez elevado milhões de pessoas pobres à condição de cidadãos com direitos e acesso a serviços públicos, ao trabalho formal, à renda destinada à educação, conseguindo que o crescimento econômico trouxesse ganhos para a classe trabalhadora e atuando em consonância com o movimento sindical: fato inédito na história do Brasil.

A elite do atraso, que jamais engoliu a forma de governo petista, se assanhou e viu no golpe a oportunidade de se vingar das derrotas seguidas. Temer, o capitão mor do golpe, logo se ofereceu para efetuar essa tarefa. O primeiro mal a ser tirado do saco de maldades foi a “Deforma” trabalhista que acabou com o imposto sindical, subtraindo o gás que sustentava a vida sindical. A “Deforma” traria em seu bojo mais maldades, como as terceirizações, o trabalho intermitente, o contrato temporário, o parcelamento de férias, bancos de horas, o fim das homologações nos sindicatos etc. Tudo isto tinha como meta a fragilização dos sindicatos e a fragmentação dos operários.

O golpe irá encontrar o movimento sindical completamente desmobilizado pelos motivos já citados, o que poderá ser constatado pela falta de reação contra a “Deforma Trabalhista”. Há então o fim melancólico do famigerado Governo Temer. Veio o governo tresloucado de Bolsonaro, que, durante toda campanha eleitoral, já deixava claro seu ódio aos trabalhadores e aos sindicalistas. Temer já tinha sido carrasco do movimento sindical, mas numa competição macabra, Bolsonaro faz de tudo para agradar a elite do atraso e ser eleito por ela como mais cruel do que o Temer e arremete um ataque furibundo ao movimento sindical com uma outra “Deforma Trabalhista” que deixou a do Temer no chinelo. Esta “deforma” tem como alvo a desestruturação da organização sindical. Há o incentivo ao pluralismo sindical, fim da justiça do trabalho, obrigando o trabalhador a pagar despesas judiciais, bem como o fim das CIPAs, o fim dos ministérios do trabalho e o da previdência e criação da tal “carteira verde-amarela”, ou seja, rasgar a CLT.

E, como reagem a este vendaval de barbaridades os sindicalistas? Articulam os trabalhadores e as forças progressistas para o enfrentamento, como aconteceu em épocas passadas? Antes fosse...

Para se contrapor a mais estes ataques perpetrados por um governo de práticas fascistas, os dirigentes sindicais terão que retornar às bases, organizar os trabalhadores e reconquistar a credibilidade junto aos operários.

Precisarão ainda jurar para eles mesmos que nunca mais ouvirão dos trabalhadores a expressão “faz tempo que não vejo o sindicato aqui na porta da fábrica.”

Os sindicalistas deverão, em reuniões, discutir e convencer os trabalhadores de que terão que ocupar as ruas em manifestações a favor do pleno emprego, contra as demissões em massa e pelo fim dos direitos trabalhistas consagrados na CLT e na CF/88, unificar as lutas das diversas categorias.

Deve também levar os trabalhadores a se manifestarem a favor de operações que combatam a corrupção, pelo não desmonte do SUS, por mais verbas para educação e cultura, contra a desindustrialização e pela defesa do patrimônio público. Agindo assim, estarão ampliando a agenda sindical, indo além das causas econômicas. Terão os sindicalistas que substituir as lutas internas titânicas por ocupação de espaços para suas tendências políticas por uma prática de democracia sindical que propicie o surgimento de novas lideranças, evitando que diretores se entronizem nos cargos de direção.

BOLSONARO PERVERSO. MALUCO, NÃO.

Jair Bolsonaro é perverso. E não um louco como nos querem fazer crer alguns.

Chamá-lo de louco é nomeação injusta e preconceituosa aos efetivamente loucos, pois estes são incapazes de produzir mal a seus coirmãos.

Os brasileiros estão nas mãos deste perverso e de seus comparsas.

As suas perversidades sem limites têm levado os brasileiros ao adoecimento. O adoecimento mental também resulta em queda da imunidade, em cânceres e em sintomas físicos, já que o corpo é um só. A perversidade e o sadismo de como se conduz o atual governante do país tem criado um ambiente doentio. As consequências já são captadas com aumento da frequência nas redes de atendimentos médicos e sociais, tanto públicas quanto privadas. Aumentaram e muito os quadros depressivos provocados pelo momento vivenciado no país em que as pessoas sentem a total perda de sentimento e horizontes.

A polarização política, a disseminação do ódio - viga mestra da prática do “bolsonarismo” e seus seguidores - que dividiu famílias, destruiu amizades e corroeu as relações humanas. Se falamos em flores, eles entendem feras, falamos em amar, eles entendem armar, falamos em cultura, eles entendem censura.

Ao mesmo tempo em que a crise econômica se aprofunda e o desemprego bate recordes, a violência dispara, as condições de trabalho se deterioram com a “deformação trabalhista”.

Na saúde pública, os hospitais são sucateados.

A quem estes mortais devem recorrer se o governo que “em tese” deveria atendê-los com políticas sociais se mostra satisfeito por tais perversidades direcionadas aos mais pobres?

Sorriem o presidente e a elite do dinheiro: dois sádicos que declaram guerra ao povo.

Há uma profunda ferida na triste alma da população.

Este governo também já pode ser denominado de “Sr. Morte” por já ter aprovado em um breve tempo 290 novos tipos de agrotóxicos.

Tudo isso nos faz afirmar que “O Brasil é Tóxico”. Tóxico é palavra de uso frequente por brasileiras(os) ao relatarem o sentimento de viver em um país onde até respirar é tarefa difícil.

Diante deste quadro, o número de doentes só aumenta na mesma proporção que a desesperança de encontrar a cura.

Perdemos o senso de humor.

Parece que tudo está suspenso: a democracia, os direitos humanos, a liberdade.

Num teatro macabro, membros do governo e o presidente dão declarações estúpidas, racistas, preconceituosas e sorriem de si mesmos enquanto ficamos atônitos.

Vou insistir que precisamos chamar as coisas pelo seu nome. Não apenas porque é correto, mas porque essa é uma forma de resistir ao adoecimento. Não faz parte do jogo democrático ter um Bolsonaro na presidência.

O que mais precisa ser feito ou dito por Bolsonaro e seus parceiros para provar que não há gestão possível com um perverso no Poder?

Bolsonaro não é “autêntico” ele é mentiroso.

Como enfrentar o horror? Como barrar o adoecimento? Como explicar a inércia de um povo vilipendiado a cada dia em seus direitos?

Onde e quando nos roubaram a voz e a energia para nos indignarmos?

Não resta outra saída senão deixar de sermos prisioneiros virtuais, romper a bolha e dar as mãos a todos que estão dispostos a avançar sobre as ruas. Aos protestos e mobilizações devem se sobrepor a proposta: temos que transformar nossa indignação em protesto coletivo.

DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS AO PANDEMÔNIO DO GOVERNO BOLSONARO

Somente pessoas que deliberadamente trabalham contra os interesses das populações mais pobres, como o presidente Bolsonaro e seu ministro da economia Paulo Guedes, agiriam como eles nesta profunda crise do Covid-19. Dizer que eles são mesquinhos, egoístas e até mesmo sádicos é pouco.

O presidente e sua corriola não têm apreço por seres humanos e estão se lixando para as consequências desta crise que atingirá em cheio aos mais pobres, moradores de comunidades e populações de rua. Bolsonaro não é louco, não é imbecil e, muito menos, está isolado. Ele está mancomunado com as igrejas neopentecostais, comerciantes da fé, de militares antinacionalistas e como não poderia deixar de ser da elite do dinheiro nacional e internacional (EUA). Está formado o eixo da perversidade. Veio a crise da pandemia do Novo Corona Vírus e as fraturas do regime de ajuste fiscal e arrocho nas contas públicas com cortes de verbas nas áreas sociais do ministro xiita Paulo Guedes ficaram expostas.

As ditas autoridades começaram a bater cabeça.

A elite do dinheiro logo gritou por proteção do seu patrimônio, logo ela, que só ganhou com este modelo. Apoiou a camarilha, agora cobra retorno. Para a população o momento foi o pior possível o da chegada desta pandemia: o país está com a economia estagnada, desemprego em alta e um projeto liberal sendo implementado a ferro e fogo que prega uma política de predominância dos interesses do mercado em detrimento das causas sociais, ou seja, o mercado resolve tudo. E agora, como convencer esses malvados que para enfrentar os efeitos desta crise o Sr. Paulo Guedes terá que rever seu projeto suicida da velha escola de Chicago e entender que aqueles dogmas não se aplicam à realidade atual? O flagelo aproxima a concentração de rendas: se evidencia a fome e o desemprego. A pandemia não dá trégua. O comércio fecha as portas, indústrias param, escolas, idem. É implantado o isolamento social das pessoas em suas casas, as ruas ficam semidesertas, a economia, até aqui cambaleante, agora colapsa de vez. O que fazer? Como conter a ira desses milhões de famintos sem seus empregos formais e outros tantos sem os proventos da atividade informal confinados nas comunidades carentes em verdadeiros cubículos, outros morando nas calçadas das marquises da cidade? O Rei está nu. O Covid-19 se alastra.



Fica claro o estrago feito na saúde pública pelos cortes de verbas e pela política de desmonte do SUS. Faltam leitos nos hospitais, faltam remédios, EPIs, os funcionários são insuficientes, o sistema de saúde é só abandono.

O caos não é maior agradeça-se à dedicação dos funcionários.

Como convencer estes malvados que essa crise não poderá ser resolvida como as outras chamando a população para pagar a conta enquanto os verdadeiros causadores ficam se preparando para tirar proveito econômicos?

O ministro da economia terá que descer do pedestal da arrogância, abandonar seu radical plano de ajuste fiscal que drena dinheiro do setor público para os bolsos da elite do dinheiro, especuladores, e aplicá-lo no enfrentamento da pandemia do Corona Vírus. Não será fácil pois a dupla Bolsonaro/Guedes só tem olhos para arrochar a classe trabalhadora enquanto os endinheirados gritam que não podem ceder nada. O governo cria leis que protegem e até aumentam seus ganhos em plena crise, fazendo da economia um

bordel e da citada dupla os cafetões deste. Bolsonaro mostra mais uma vez de que lado está: para atender a gula dos empresários por mais lucros, para penalizar trabalhadores seu governo cria as seguintes leis de emergência: suspensão dos contratos de trabalho, férias coletivas, demissões, tudo sem pagamento, redução dos salários e o não recolhimento do FGTS. É o Bolsonaro de sempre: tudo para o capital e sacrifícios para os trabalhadores.

Mostrando mais uma vez sua cegueira social ao invés de incentivar o consumo, ele arrocha salários, facilita demissões, visto que dinheiro na mão dos trabalhadores eles vão às compras fazendo girar a roda da economia em oposição aos apadrinhados do presidente, que optam pela jogatina do mercado financeiro. E para reafirmar sua fidelidade canina aos empresários, “Bozo” com discurso de que a economia não pode parar, parte para confronto com a comunidade científica internacional e nacional e até com membros do seu governo contra o isolamento social, fórmula comprovadamente eficiente para evitar mais mortes nesta pandemia em um claro ato de privilégio da economia em detrimento da saúde. A burguesia nacional é sádica, só pensa nela e tendo um presidente que não está nem aí por expor os pobres ao risco da contaminação: reforço melhor impossível.

Como expressar todo desalento de ouvir de um cidadão que foi eleito democraticamente para zelar pelo bem-estar da nação num grave momento deste, esta frase “Alguns vão morrer? Vão morrer ué, lamento. Não podemos é parar a economia ‘cara pálida”. O que esperar? Não haverá outro caminho, o governo vai ter que injetar dinheiro na economia para atender aos mais necessitados. Fica provado que o mercado só vê o seu umbigo. Cadê os bilhões que foram ganhos por grupos econômicos nos últimos anos? Sobre estes ganhos os empresários se calam. O Brasil é líder de disparidade: o 1% mais rico da população detém 27,8 da renda nacional.

Seis brasileiros têm riqueza igual aos outros 100 milhões de habitantes mais pobres. Um trabalhador levará 19 anos para ganhar o que um super-rico aufere num único mês.

No país, 10 bilionários têm fortunas que somam 400 bilhões de Reais, o mesmo que o PIB do nosso vizinho Equador.

Vários destes bilionários são velhos conhecidos por terem seus nomes envolvidos em casos de corrupção. Há também as reservas em moedas estrangeiras no valor de US\$ 367,3 Bi das quais se poderia usar parte [Fonte Oxfam e Revista Forbes Nov. 2019]. Então, dinheiro há para o enfrentamento da pandemia, o que falta é coragem e determinação para este governo dar uma sonora banana para os economistas de Chicago que acreditam que o mercado resolve tudo e nos guiar pelos sábios ensinamentos da História.

PÓS-QUARENTENA: SERÁ QUE É TUDO EM VÃO? SERÁ QUE VAMOS VENCER?

Não é mais possível levar avante o projeto de capitalismo como modo de produção que favorece a concentração de renda de uma minoria, lançando na miséria um grande número de seres humanos, nem do neoliberalismo como sua expressão política.

O capitalismo é somente bom para os ricos, para os demais é um purgatório. O que está salvando não é o individualismo nem a concorrência, seu motor principal, mas a interdependência e a solidariedade entre os mais pobres.

A ideia de que podemos sair melhores da pandemia do Covid-19 pode ser um alento. Como nos alertou o saudoso Renato Russo “Será que é tudo isso em vão? Será que vamos conseguir vencer?” Descobrimos que a vida é o valor supremo e não o acúmulo de bens materiais. Todo aparato bélico em poder de governantes belicosos e do avanço da tecnologia da informação, da inteligência artificial e da internet: coisas que influenciam o surgimento de uma sociedade do controle e as mudanças nas relações de trabalho alardeadas pelos arautos de um novo mundo como possíveis substitutas dos seres humanos se mostraram ridículas face a um inimigo microscópico invisível: o Novo Corona Vírus.

Então o vírus escancara a realidade. O poder econômico precisa ser usado para frear a ganância dos poderosos para promover justiça, diminuir as desigualdades sociais e oferecer oportunidades iguais a todos. Os donos do poder têm que se penitenciar que o neoliberalismo fracassou. Do vírus não dá para fugir, já que fugir é morrer. Isolados, assistimos das nossas janelas e de nossas telas ao avanço da pandemia. No atestado de óbito das vítimas terá “morte Coronavírus”.

Lembramos que pessoas também morrem de fome, de doenças graves, de violência e exclusão. Vimos a elite do atraso, a mesma que só se liga nos cifrões em desfile de carreatas fúnebres obrigando os mais pobres a irem para as ruas, como se fosse aceitável a covardia de correr risco com a vida alheia. Os corpos são concretos como é concreta a dor. Com o novo Coronavírus, descobrimos ser possível acontecer tudo aquilo que a elite do dinheiro afirmava ser impossível: parar de produzir, reduzir o número de voos, aumentar os investimentos dos governos nas áreas sociais e mudar radicalmente

os hábitos. Mentiam os autores do pensamento único: os neoliberais. O mundo parou. E ele não será mais do mesmo jeito, os relacionamentos não serão mais os mesmos e, muito provavelmente, não nutriremos as mesmas ideias e ideais. Quando a quarentena, por conta da pandemia acabar, a vida retomará seu rumo. Fatores positivos em meio a esta crise, como estreitar laços de solidariedade, partilhar bens, cuidar dos vulneráveis, resgatar antigas brincadeiras para entreter a criançada e, sobretudo, descobrir que podemos ser felizes curtindo o âmbito familiar.

Já que o vírus ameaçador provém da natureza o isolamento social oferece a oportunidade de nos questionarmos: qual foi, e como está nossa relação com a mãe-natureza, principalmente em relação ao respeito à Terra. A pandemia desmoralizou o discurso neoliberal de eficiência do livre mercado.

Como em crises anteriores, mais uma vez se recorreu ao papel do Estado. Os países que privatizaram o sistema de saúde, como EUA, enfrentaram mais dificuldades para conter o vírus do que aqueles que dispõem de um sistema público.

No Brasil está sendo fundamental a atuação do SUS, mesmo sendo ele vítima de uma política implacável de sucateamento por conta deste governo. Isso nos dá mais ânimo para lutarmos pela defesa do fortalecimento do Sistema Único de Saúde.

O vírus não mata pássaros, nem outro ser, apenas os humanos. E são eles que estão em pânico com seu mundo artificial.

A natureza segue. Como impedir que o capitalismo, que nos roubou o presente nos roube também o amanhã? Nós, os que hoje estamos vivos, nunca enfrentamos uma ameaça como o novo Coronavírus. Se tantos repetem que o mundo nunca mais será mesmo, qual é então o mundo que queremos?

Não tenhamos ilusões. Enquanto a pandemia é enfrentada, essa resposta já está sendo disputada. É ela que vai determinar o futuro próximo, lutar pela vida ameaçada pelo vírus é o imperativo da emergência. A quarentena vai acabar, a humanidade vencerá mais essa pandemia: isso é certo.

Mas tudo o que não queremos ou pelo menos tudo o que não deveria acontecer é retornarmos às coisas que fazíamos do jeito que fazíamos anteriormente. É preciso, porém, fazer algo ainda mais difícil: lutar pelo futuro pós-vírus com propostas que atendam aos mais necessitados. Se não o fizermos, a retomada da normalidade será como quer a Elite do Dinheiro, com a volta da brutalidade cotidiana que só era normal para os privilegiados de sempre. Tomara que não voltemos à normalidade, pois se voltar-

mos, é porque não valeu de nada a morte de milhares de pessoas mundo afora. Depois disso tudo, as pessoas não vão querer disputar de novo o seu oxigênio com dezenas de colegas num espaço pequeno de trabalho, as mudanças já estão em gestação. Não podemos voltar àquele ritmo, ligar todos os carros, todas as máquinas ao mesmo tempo. Seria como se converter ao negacionismo, aceitar que a Terra é plana e que devemos seguir nos devorando.

Aí sim teremos provado que a humanidade é uma mentira. Tudo na vida tem um ciclo e esse também vai terminar.

A memória que formos capazes de armazenar durante o confinamento determinará a maneira como caminharemos no futuro. O que desejamos perpetuar? O nome e a história dos mortos ou o desprezo para com a vida? A rede de solidariedade que levou cestas básicas, remédios e material de limpeza aos moradores das comunidades carentes ou as provocações e confrontos? Ou o sadismo em forma de publicações nas redes sociais? Que nossa humanidade não seja contaminada, e saiamos desta experiência irmanados em histórias e verdades, com memorial rico em afeto, fraternidade e solidariedade. Mas tudo o que temos é encontrar um caminho para liquidar o monstro chamado capitalismo, que se expressa pelo neoliberalismo, e impedir que se regenere.

Mais do que nunca, hoje lutamos pela vida.

CLT TEM ORIGEM NA CARTA DEL LAVORO? MENTIRA DESLAVADA

O ministro da economia do atual governo, o intragável banqueiro Paulo Guedes, aquele mesmo que trabalhou na mais terrível ditadura que aconteceu na América Latina perpetrada pelo sanguinário general Augusto Pinochet, que tanto mal causou aos nossos irmãos chilenos. Esse mesmo Sr. teve o desprazer de chamar de parasitas os funcionários públicos e ainda achou estranho empregada doméstica viajar de avião. Parasita é você, Guedes, banqueiro que junto com outros formam no país a elite do dinheiro e vivem dos altos juros provenientes dos papéis da dívida pública sugados da economia em detrimento do desenvolvimento e da geração de empregos. Por último, por falta de conhecimento, pois ao que parece nunca leu sequer uma vírgula da septuagenária CLT [Consolidação das Leis do Trabalho], preferindo seguir aqueles que repetem como pagaios tudo que escutam, vem ele com mesma ladainha de dizer que a CLT é fascista, tendo sua origem na Carta Del Lavoro.

Esse tipo de comportamento já tínhamos visto dos governos neoliberais de FHC e do golpista Temer. Incrível é que estes governos pautaram suas políticas na retirada dos direitos dos trabalhadores, ódio aos seus representantes e suas entidades e no total apoio à atuação da elite do dinheiro na exploração dos operários. O cão de guarda desta elite sentenciou que um governo democrático não pode conviver com tamanha anomalia chamada CLT. Democrático? Então teriam sido fascistas os governos desde quando a CLT passou a existir no Brasil. Seriam fascistas igualmente, as Constituições que trouxeram direitos trabalhistas.

A CLT, garante aos trabalhadores(as), a carteira de trabalho assinada, repouso semanal remunerado, 13º salário, vale transporte, licença maternidade, garantia de emprego à gestante, FGTS, acréscimo de 50% nas horas extras, estabilidade no emprego em caso de acidente do trabalho, adicional noturno, aviso prévio, seguro desemprego etc. Isto é fascismo?

Vale lembrar que a CLT é uma consolidação das leis do trabalho que já existiam no Brasil conquistadas num processo de reivindicações e embates entre empregados e empregadores. Comparar a CLT com a Carta Del Lavoro é uma manipulação ardi-

losa, capaz de enganar pessoas com pouco conhecimento de história do Brasil e geral. Esta mentira tem sido falada mais de 100.000 vezes por políticos, juristas e, pasmem senhores, até por alguns sindicalistas incautos. Se liga, Banqueiro Guedes, essa história que a CLT seja cópia da Carta Del Lavoro de Mussolini é uma figura mitológica que sempre serviu aos argumentos retóricos, como os ataques dos empresários aos direitos dos trabalhadores(as). É por demais absurdo, visto que a Carta Del Lavoro de 1927 foi uma carta com 30 artigos de princípios, já a nossa CLT de 1943 continha 921 artigos.

Apoiados na CLT, os sindicatos se consolidaram como verdadeiros representantes dos trabalhadores zelando pelo seu cumprimento e por mais conquistas. Companheiros, mesmo com a CLT os patrões demitem a hora que bem entendem. Não pagam os direitos básicos dos trabalhadores(as), não recolhem os encargos sociais. Imaginem se não houvesse esse instrumento de defesa do trabalhador.

E vivem acusando a CLT de atrapalhar seus negócios e atrasar o progresso. Para combatê-la, nas eleições, eles jogam rios de dinheiro para eleger seus representantes com finalidade de aprovar leis que garantam total liberdade para explorar a mão de obra dos operários. Os Paulo Guedes da vida nascem desta incubadora.

A CLT é o anteparo para evitar que a ganância e a crueldade dos empresários não seja efetivada. Vem daí o ódio deles e a luta incansável para extingui-la. O ano de 2017 foi, seguramente, o pior momento da CLT. A reforma trabalhista do golpista Michel Temer fez tudo para esvaziar o papel da negociação coletiva (sindicatos). Soma-se a isso o esvaziamento extraordinário da justiça do trabalho, a única que era gratuita no país, já que agora quando o trabalhador perde o processo é dele as custas judiciais, há ainda a retirada abrupta da contribuição sindical asfixiando a saúde financeira destas entidades. Temer e o Congresso Nacional quitaram a dívida do apoio ao golpe que o colocou na presidência dando de bandeja à elite do dinheiro esta reforma.

No Brasil, falar mal da CLT acabou se tornando uma estratégia de políticos vendidos ao capital especulativo para serem ungidos pelo famigerado mercado. O atual Ministro da Economia de um governo eleito com discurso submisso ao poder do dinheiro não perdeu tempo mesmo depois da CLT.

Após a profunda reforma que quase aniquilou os direitos trabalhistas ele não abre mão de presentear os gananciosos empresários com uma nova reforma. É uma competição para definir quem é o mais cruel. O ministro pau-mandado da elite do dinheiro apresentou o produto de seu sacco de maldades: a Carteira Verde e Amarela. Estava

escancarada a porta para os patrões precarizarem inescrupulosamente o trabalho.

Ela também substituiria a carteira Azul, um símbolo de direitos operários desde 1932. Após grito geral dos sindicatos e demais entidades a nefasta ideia foi sepultada, mas o governo alertou que voltará à carga em breve. Fiquemos alertas! A CLT ainda hoje representa a segurança do trabalhador, pois nada é mais moderno do que combater a desigualdade. Companheiros(as), combater a CLT ou taxá-la de retrógrada e caduca é uma falácia e interessa à elite do dinheiro, que só visa o lucro a qualquer preço.

Nada mais arcaico que a exploração e a concentração de renda.

Esses argumentos

infundados se cristalizaram

quando das malditas reformas. Diziam os seus defensores que adviriam mais empregos em abundância. Isto não se confirmou, o apogeu da geração de vagas ficou sob a égide da CLT: isto os deixa furiosos.

Por ora, o que os trabalhadores(as) exigem do Ministro da Economia é que ele nos poupe de tratar com retórica vazia e panfletária questões tão relevantes para o país como as que dizem respeito à história a consagração e a efetivação dos direitos dos trabalhadores. “Companheiros(as), nunca façam coro com os inimigos da CLT, se ela é atacada é porque há algo nela de nosso interesse.”



115 MIL MORTOS: UMA TRAGÉDIA GIGANTESCA. O RESPONSÁVEL POR ELA: BOLSONARO!

O Presidente Bolsonaro não tem mais como negar a dura realidade de estarmos chorando pela morte de mais de 115 mil brasileiros vitimados pela Covid-19.

É assustador constatar que estamos longe do começo do fim desta pandemia. Temos hoje mais de mil mortos por dia, quase um por minuto. Já ultrapassamos o fatídico número de mais 3 milhões de infectados. Nos sepultamentos, os carros funerários têm que ter ritmo de carros de Fórmula 1 para atender à demanda, o que nos humilha perante a opinião mundial. Enfrentamos as dificuldades diante de um presidente da república que lava as mãos na bacia da omissão e que para atender aos anseios da elite do dinheiro insiste na negação da gravidade da crise sanitária, desqualifica a dor que nos impacta, adotando estratégias de desinformação, omissão, manipulação e desrespeito para com os profissionais que exercem suas funções obedecendo estritamente às orientações científicas. Também, o que esperar de um presidente que já disse que sua especialidade é matar? É doloroso dormir e acordar testemunhando mortes solitárias. Ressalta-se que uma das características deste mal do século é solidão e ainda convivemos com as graves consequências do desemprego e da falta de infraestrutura para um efetivo isolamento dos mais pobres.

Enquanto isso, o governo federal joga milhares de pessoas em filas quilométricas causando aglomerações na busca do tal abono emergencial que de emergencial nada tem.

Em meio ao caos governamental, tivemos três ministros da saúde em menos de quatro meses, por último temos um interino e, para não fugir à regra é um general com conhecimento em logística, um boneco de marionetes para as pretensões do presidente, atendendo a mais uma de suas obsessões, que é ter mais um general pra chamar de seu.

Não dá para fazer guerra com médicos, assim como não dá fazer saúde com militares. É neste macabro circo dos horrores bolsonariano, sem leitos, sem médicos, sem ventiladores suficientes, sem ambulâncias, sem EPIs e funcionários com salários atrasados que estamos entregues à própria sorte. A epidemia mostra seu grau de destruição com estes números macabros e deixa ver a olho nu as desigualdades gritantes no país:

fruto de anos e anos de governos submissos aos interesses da elite do capital.

Um estudo do IPEA [Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada] mostrou que na cidade do Rio de Janeiro dos 6.735 óbitos até junho, 79,6% ocorreram em bairros de menor Índice de Desenvolvimento Social, ou seja, foi nas periferias e nas comunidades onde ocorreu o maior número de vítimas.

Nas áreas mais pobres a taxa de letalidade é o dobro de regiões mais ricas (20% contra 10%). É por estas e outras que afirmamos que nesta pandemia a cor, a raça e a classe são fatores determinantes no montante de mortos.

O Brasil, governado por Bolsonaro, fica apenas atrás do Estados Unidos, governado por Donald Trump.

Sua referência de governo neste campeonato macabro de mortes e infectados pelo COVID-19 será mera coincidência?

Não há outra alternativa a não ser a união dos sindicatos de trabalhadores, dos partidos políticos comprometidos com as causas populares e demais entidades da sociedade civil que lutam contra as atrocidades deste governo.

Devem somar suas vozes e esforços àqueles que perderam seus entes queridos para transformarem as lágrimas e o luto em luta e irmos para as ruas em mobilizações e gritarmos em uníssono que estas mortes são um crime e o responsável por ele tem nome, é o presidente Bolsonaro.

Devemos cobrar sua condenação e de seu governo nas entidades internacionais de direitos humanos.

Não tem como escamotear o responsável por estes trágicos números de agora e o aumento da escalada das mortes e da contaminação num futuro próximo que tanto nos angustia e tem a marca indelével do desvairado e de seus auxiliares que só trabalham para atender à fome de lucro da burguesia elite do atraso. Lembremos que a tragédia não foi maior graças aos esforços e à dedicação dos trabalhadores da saúde e de outros que estão na frente do atendimento. O SUS foi determinante para salvar vidas.

O mesmo SUS, vítima de ataques de governos passados e atual, que só teve a defendê-lo os movimentos sociais em defesa de uma saúde pública gratuita e de qualidade.

Foi tamanha a importância do SUS que um ex-ministro da saúde deste governo declarou recentemente na imprensa que “se não fosse o SUS estaríamos na barbárie”.

O SUS deu chance de vida a milhares de brasileiros.

Bolsonaro subestimando os números de mortos e infectados não irá mudar a reali-

dade. Ela está aí, só não vê quem não quer. A última pérola macabra dele ao comentar as mortes foi: “Vamos tocar a vida”. Nenhum dos mortos tocará vida e os sobreviventes que perderam seus entes queridos por conta da dor da perda e da saudade terão dificuldade de tocar a vida também. Mas ELE não terá como se safar do crime de responsabilidade pela tragédia e pela vergonha nacional.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL SERÁ INTELIGÊNCIA OU DESEMPREGO REAL?

Estamos diante de uma nova onda de inovações, que vem substituindo a força de trabalho por máquinas, como nunca antes na história. Essa automatização toma forma com a Inteligência Artificial (IA), que leva as máquinas a ocuparem cada vez mais o lugar dos trabalhadores nas atividades produtivas. Surgem os modos flexíveis de contratos de trabalho, jornadas extenuantes, baixas remunerações e retiradas de direitos conquistados em anos de lutas.

A tal IA promove a crescente promoção das máquinas em detrimento dos trabalhadores: elas baixam os custos e não oferecem resistência nem reivindicam (férias, 13º salário, FGTS, INSS etc). Verdadeiros robôs, as máquinas são como papagaios repetindo tolices que os donos do grande capital ensinam.

A IA chega como um tsunami e os seus criadores não perdem tempo, saem propagandeando suas maravilhas: automóvel sem motorista, indústria 4.0, computação em nuvens, impressão 3D, drones. Nem tudo é divino e maravilhoso neste “admirável mundo novo”. Não dizem os arautos destas falsas maravilhas que elas têm por finalidade primordial servir ao grande capital em prejuízo do bem estar dos operários e dos interesses nacionais. E não para por aí: a estimativa é de substituição de 400 a 750 milhões de postos de trabalho mundo afora nos próximos dez anos (dados da Organização Internacional do Trabalho). Já se constata novas doenças do trabalho vindas desse novo tempo e o agravamento das já existentes, visto que os trabalhadores são lançados a um sistema hostil à sua saúde, completamente desconhecido por eles. Esse ambiente de trabalho cheio de crueldade é meticulosamente calculado por anos pelos algozes da classe. Os sindicatos e os seus dirigentes são sujeitos que nasceram e fizeram história neste modelo de trabalho atual que definha, estando mesmo sujeito a desaparecer. Eles não conhecem nada do que está se iniciando e que mexe e abala as estruturas do modelo produtivo, incluindo o sindical.

A primeira reação da maioria dos dirigentes sindicais é de rejeição e o não enfrentamento. Não conseguem ver que não serão eles capazes de sozinhos produzir respostas realistas.



Não há diálogo destes sindicalistas com essa massa de novos operários. Envolvidos por forte onda propagandista, os trabalhadores se tornam ideologicamente individualistas, egoístas e sem utopia para o futuro. Tudo isto é contrário ao que apregoa o sindicato, é o adeus à solidariedade operária. Dramaticamente é urgente acordar! É essencial não brigar com o futuro. Devem os sindicatos preparar os operários para serem sujeitos de sua história e não apenas reprodutores de situações já colocadas pela nefasta burguesia.

Todo esse contexto de exploração exige uma nova mentalidade dos operários para o enfrentamento das difíceis lutas que resultarão deste árido ambiente laboral. Aos sindicatos caberá inculcar na cabeça dos trabalhadores, jovens, na maioria, que sem utopia fica difícil enfrentar mazelas da IA e fazer do local de trabalho um ambiente colaborativo e comunitário.

Ao contrário das benesses da IA, alardeadas dia e noite pelos profetas do neoliberalismo, através da mídia, sua grande aliada, jogando para debaixo do tapete as terríveis consequências: desemprego, fome, doenças e racismo. Sindicalistas, não sejam os cozeiros da luta contra a exploração capitalista, sob pena de vermos triunfar as ideias alarmistas dos defensores do capital, ou seja, o fim dos sindicatos. Se os dirigentes sindicais não reformularem suas atitudes mentais, políticas e, por que não dizer, até mesmo reverem alguns conceitos tidos e havidos como imutáveis, a tragédia se consumará. Os exploradores terão pista livre para aumentar seus lucros com sua ganância desenfreada, e com certeza, serão os trabalhadores as maiores vítimas deste massacre chamado IA (Inteligência Artificial).

Será Inteligência? Mesmo entendendo que essa mudança não é algo fácil, ela tem de ocorrer, visto que os sindicalistas têm uma missão histórica que é a condução da luta.

Sindicalistas semeiam valores humanos no solo dessa transformação econômica, mostrando ser possível à atividade laboral agregar valores humanitários, em contraposição aos defensores das ilusórias vantagens do capitalismo, difundidas aos quatro ventos.



ENFRAQUECER OS SINDICATOS INTERESSA A QUEM?

Será que é justo trabalhadores não sindicalizados usufruírem dos benefícios conquistados pelas lutas de sua entidade sindical? Haja vista que as conquistas são para todos os trabalhadores indistintamente. Para se ter conquistas é necessário um aparato, carro de som, assessoria jurídica, às vezes econômica, jornais, panfletos, automóveis e suporte para a equipe de mobilização. Mesmo com tudo isso a luta ainda é desigual. Os últimos governos (Temer e Bolsonaro) tiveram como plano de governo o extermínio dos sindicatos e o caminho escolhido foi acabar com o desconto em folha de verbas que permitiam o funcionamento dos sindicatos. Este item foi a viga mestra das deformas sindicais e trabalhistas por eles criadas que só não conseguiram atingir totalmente o seu alvo graças a persistência dos dirigentes sindicais.

Por conta dessas políticas nefastas os sindicatos se viram de uma hora para outra sem uma de suas principais fontes de financiamentos para atuar. Já os patrões continuaram tendo acesso às verbas retiradas das folhas de pagamentos para nos enfrentar. Neles, os malditos governos não tocaram pois são seus agentes. Não restou outro caminho aos sindicatos a não ser partir para as portas das empresas, discutir com a categoria a real situação e convencê-la definitivamente que a manutenção financeira das organizações de luta dos trabalhadores é obra deles mesmos, já que os empresários têm o governo a lhes dar sustentação.

Entendemos que as verbas não são tudo para se ter um sindicalismo combativo e atuante, mas o fim do oxigênio financeiro tirou os diretores sindicais da zona de conforto em que viviam até aquele momento. Eles passaram a entender a importância da aproximação com os trabalhadores discutindo e formulando políticas que atendessem garantias à moradia, saúde, educação, cultura, e não só mais aumentos salariais, além de discutir o papel da classe na defesa de um Estado que tenha como meta a defesa dessas políticas.

Foi o que evitou o desaparecimento dos sindicatos.

Outro ponto bastante explorado pelos sindicalistas foi desmistificar o lero-lero dos políticos que prometiam que com as tais deformas os trabalhadores enfim alcançariam o paraíso. Pelo contrário, vieram desemprego, fome, trabalho precário, doenças, au-

mento de moradores de rua, a miséria nua e crua. Passado o tempo dessa deforma, eles, os malditos, não conseguiram colher os frutos pretendidos com suas atrocidades. Em contrapartida, vários sindicatos, os efetivamente de luta, estão vivos conduzindo a luta dos trabalhadores num novo cenário político. Quanto aos autores da deforma, vários já foram para a lata de lixo da História.

A luta é hercúlea para convencer trabalhadores a agirem coletivamente visto que são eles membros de uma sociedade marcadamente egoísta. Resultado desta vivência é que a maioria prefere ser sanguessuga das conquistas dizendo «vou contribuir e participar para quê, se tenho vários companheiros que fazem isto por mim, vou para casa ver minha novela».

Muitos até batem no peito se orgulhando desta posição.

Há uma mudança dessa mentalidade, fruto de uma batalha sem tréguas para mostrar aos trabalhadores a importância da participação e as mazelas vindas das deformas sindicais. Estamos num amplo debate com o governo federal, congresso nacional e demais entidades da sociedade civil para encontrarmos um modelo de financiamento da atividade sindical que seja produto de um consenso num ambiente sadio, visto que os sindicatos são peças fundamentais para a consolidação da democracia e dos direitos da classe operária. Sem eles é a barbárie. Esse modelo de custeio dos sindicatos terá de ser discutido amplamente com a categoria através de assembleias representativas usando os meios eletrônicos disponíveis. Pensar na introdução do voto pela internet não excluindo o voto presencial, ter um plano de prestação de contas e auditorias para dar legitimidade ao processo e, para fechar, é necessário termos uma representação sindical obrigatória nas empresas sem esquecer da sindicalização permanente. Aos dirigentes sindicais resta entender que não podem estancar as mudanças nem as novas maneiras de produzir. Os sindicalistas têm como missão histórica promover debates com os trabalhadores mostrando que a modernização tecnológica, tão decantada em versos e prosas pela burguesia, não sirva de alibi para enfraquecer o poder de barganha e organização dos trabalhadores.



TRABALHADOR EM PLATAFORMA DIGITAL, ESCRavidÃO MODERNA

O capital transnacional inaugura um novo modelo de precarização das condições da mão de obra: é o trabalhador uberizado via Plataforma Digital. Não há mais empresas como conhecíamos até agora, não há endereço, nem CNPJ, agora é o tempo do trabalho em plataformas digitais.

A gestão é realizada por algoritmos, por inteligência artificial, internet, celulares, big data e impressão 3D etc.

Ou seja, não há o contato humano nas relações trabalhistas, então, a quem reclamar? O trabalho Uberizado é um novo Frankenstein social. Uma das faces mais perversas do trabalho em plataformas digitais é o uso da mão de obra predominantemente masculina, jovem, e periférica, aumentando ainda mais o fosso da desigualdade social e racial em nosso país. A exploração escancarada e desumana se dá sob o maldito disfarce do empreendedorismo: uma praga incutida na cabeça dos trabalhadores(as) pelos patrões e seus eternos parceiros: as mídias.

Que empreendedor é esse que pra ganhar o seu sustento e de sua família tem que comprar uma bicicleta, um carro, uma moto e colocá-los à disposição de um tal aplicativo, rodar pela cidade feito louco para no fim do dia ou da noite ganhar algum tostão? No rastro dessa máquina de moer gente, com sua intenção nada oculta vêm: jornadas de trabalho extenuantes sem repouso, baixas remunerações, adoecimentos físico e mental, não respeito aos direitos trabalhistas e práticas antissindicaais. Um conglomerado de empresas submete seres humanos a vexatórias condições de trabalho que deixariam os trabalhadores do século XIX envergonhados. No Brasil, a deforma trabalhista do tenebroso presidente Michel Temer foi a porta de entrada que possibilitou aos patrões a criação desta terrível modalidade de trabalho que é a escravidão digital.

Este é o empreendedor que entra com a força de trabalho e, agora, como se não bastasse também, com as ferramentas da atividade econômica. Mas o lucro vai mesmo é para as contas da tal plataforma digital. Os trabalhadores são bombardeados pelos meios de comunicação com as falsas promessas das facilidades de ser empreendedor, mas quando caem na real descobrem que a plataforma digital serviu para impulsioná-los ao abismo.



Não só a massa operária vítima do desemprego é explorada por essas Plataformas Digitais, elas também recrutam outros profissionais: arquitetos, médicos, advogados, professores, dentistas, jornalistas etc. – o exército de desempregados. Hoje no mundo somente o aplicativo Uber tem seis milhões de seres humanos motoristas explorados mundo afora, dos quais um milhão está no Brasil. Temos ainda mais de quatrocentos mil entregadores de outros aplicativos (IFood, Rappi etc.) que, montados em suas bicicletas e motos, fazem malabarismo pelas ruas das cidades na busca da sobrevivência.

Esses aplicativos são tão maquiavélicos que, com uma forte campanha de propaganda, mudam até a forma de falar das pessoas: não solicitam mais um carro e sim um “Uber” ou, não pedem mais uma alimentação e sim um “Ifood”. Não percebem que estão fazendo propaganda gratuita para eles alimentando a ideologização dessas transnacionais. Mas nem tudo está perdido. Nessa exploração carnal o próprio aplicativo e a reunião de vários trabalhadores via WhatsApp acabam por fazer com que eles se unam em canais de organização e solidariedade e de classe, possibilitando a mobilização para lutarem por melhoria das condições de trabalho. Já houve greves, mobilizações estão em curso, é o capitalismo criando no seu próprio meio o germe da sua destruição.

A classe operária atravessa um novo período histórico. Após o trabalho escravo e o assalariado, emerge a fase da informalidade da uberização. Aos sindicalistas, mais do que saber, é necessário pensar criticamente neste grave problema ora analisado e enfrentá-lo na prática da atividade social, criando discursos e práticas que honrem a história do movimento sindical na construção dos direitos sociais. Determinemos que estes trabalhadores uberizados sejam inseridos no âmbito da legislação social protetora do trabalho ou estaremos assistindo passivamente à volta da escravidão numa forma digital.

***“O que a gente vê é que a gente
está se tornando escravo, sabe?
É como se fosse um vício”***

Vanessa, Entregadora de Aplicativo

EXPLORAÇÃO PREDATÓRIA DA BRASKEM AFUNDA BAIROS EM MACEIÓ

Artigo dedicado à amiga professora Rosângela Gaze

Os olhos do mundo novamente se voltam para o Brasil devido a mais um crime ambiental praticado por empresa privada com a participação do Estado e de seus comparsas - a grande mídia e o capital financeiro - que insistem em nos convencer que é acidente e não crime. Crime ambiental provocado por uma mega empresa mineradora, a Braskem, cuja composição acionária tem a participação do governo brasileiro. A Braskem se tornou uma gigante global na exploração mineral sob o manto da ditadura militar e às custas da exploração a preço vil dos trabalhadores e dos conchavos com governos estaduais, federais e municipais, estes historicamente ficam ao lado dos poderosos. Por conta desse conluio macabro estamos assistindo vergonhosamente o maior crime ambiental urbano de nossa história. O acidente foi causado pela exploração mineral predatória de 35 minas para extração de sal gema em Maceió, um tipo de cloreto de sódio usado na fabricação de soda cáustica e PVC. A Braskem encerrou suas atividades exploratórias por longos anos (de 1976 a 2019) após inúmeras denúncias de irregularidades feitas pelos moradores.

Os lucros da Braskem foram estratosféricos no período.

O encerramento da atividade exploratória deixou, como em toda mineração, um passivo ambiental enorme em montanhas de rejeitos, grandes crateras, deixadas a céu aberto sem nenhum monitoramento. A Empresa foi alertada pelos moradores e entidades de proteção ambiental do perigo destas montanhas de rejeitos invadir as casas, cobraram ações da direção da empresa que não tomou nenhuma providência. Com o passar do tempo a tragédia se consumou, as montanhas desceram, as crateras transbordaram. Quatorze mil imóveis nos bairros Pinheiros, Farol, Bebedouro, Bom Parto e Mutange foram desocupados às pressas, correndo risco real de serem engolidos por crateras e soterrados, deixando ao relento mais de 60 mil moradores.

Onde havia casas, comércios, praças, ali a vida pulsava, hoje é um deserto, mais parece uma área de guerra. Nesta região há uma lagoa - a Mundaú - principal fonte de renda para pescadores e catadores de sururu, siri, caranguejo e camarão. Ela está

seriamente ameaçada sob risco de ter seu espelho d'água inundado de rejeitos, ou de suas águas escoarem para as crateras decretando o seu desaparecimento. Nem a mãe natureza escapou.

Esta situação em Maceió tem causado danos emocionais irreparáveis aos atingidos. O número de suicídios já é alto chegando a 12 casos que são do conhecimento público. O último foi emblemático. Um morador aposentado residente na área por mais de vinte anos teve que deixar sua moradia. Ele não suportou a dor de ver sua casa, produto do sacrifício de uma vida inteira, virar escombros. E se matou olhando para os escombros como se fosse um quadro na parede de sua memória. O crime que o estado brasileiro e seus comparsas cometeram em Maceió não é novidade, já vimos este filme antes. Lembrai-vos de Mariana, Brumadinho, etc., etc., vidas ceifadas por atos criminosos perpetrados por empresas mancomunadas com o poder político. O número de desabrigados e de pessoas prejudicadas economicamente pelo crime ambiental provocado pela Braskem já somam prejuízos da ordem de R\$ 30 bilhões. Revelam o descaso total como são tratados os trabalhadores pelo poder público, vítimas maiores da exploração irresponsável por uma mega empresa. O lucro das empresas sempre é privado, já o passivo ambiental elas jogam para a sociedade. Agora mesmo, os milhares de prejudicados lutam arduamente por relocalizações dignas e por indenizações justas.

Para não fugir à regra, a Braskem opta por gastar rios de dinheiro com advogados e com propagandas que enaltecem a atuação desta criminoso mineradora no campo social. No entanto, ela nega atender aos pleitos dos desabrigados. Nas peças publicitárias não há menção ao lucro exorbitante auferido no período que somam 95 bilhões.

E as ditas autoridades a tudo assistem sem mover uma palha.

Os insensíveis diretores da Braskem são incapazes de entender o sofrimento e a dor das pessoas que nasceram e cresceram num pequeno torrão de terra por elas chamado de bairro, onde fincaram suas raízes culturais, seus laços familiares e de amizade fazendo desta sua morada, seu porto seguro e o sonho de dali só sair para sua última morada. Mas veio a diretoria da Braskem e destruiu o sonho dessas humildes pessoas. Direção da Braskem, tente passar pelo que estão passando estes seres ao verem suas referências desaparecerem com toda a carga emocional, como num toque de magia. Para muitos é a morte antecipada. Mas é querer demais esperar um entendimento humano de pessoas que têm desprezo pela vida de trabalhadores e só têm olhos para o lucro. A Braskem que atua desde a ditadura militar - portando sabe-

dora da impunidade que reina no Brasil por conta dos conchavos, da corrupção, da gana dos políticos por dinheiro sujo, do judiciário que sempre julga em benefício dos poderosos - vai praticando seus crimes, certa da impunidade. A tragédia em Maceió é fruto de um modelo de exploração que tem o lucro fácil, a apropriação predatória de nossas riquezas naturais como alvo principal. É assim que atuam as mineradoras. Uma sociedade se constrói para os cidadãos e não contra estes. Lutaremos porque está claro que a impunidade é o custo da irracionalidade.



A RAZÃO DE EXISTIR DO SINDICATO

“Quem é ele? Vocês, eu, todos nós. Sindicato é sujeito de representação coletiva. Não é prédio, não são móveis nem seus funcionários, não são seus dirigentes; não atua em causa própria, mas em nome de quem representa.”

Bertold Brecht

Com a ajuda da velha mídia, as elites do retrocesso, conhecidas também como patrões, tudo fizeram para enfraquecer as entidades sindicais. Não conseguiram ao menos imaginar que, sem seu instrumento maior de luta forte, os trabalhadores são submetidos à mais vil exploração, não lhes restando outra opção a não ser uma convulsão social. Afinal, essa elite do atraso quer construir um mundo que só funciona para atender seus caprichos. Tentam de todas maneiras deslegitimar a existência dos sindicatos e o importante papel social por eles desempenhado. Visões distorcidas com difamação contra os dirigentes sindicais são divulgadas, massivamente, nos meios de comunicações, pilares do projeto da elite do retrocesso. A velha imprensa marrom mostra suas garras afiadas para defender a elite e os políticos corruptos que só atuam para elaborar leis garantidoras da perpetuação da exploração da mão de obra operária. Esse processo é tão bem orquestrado que acaba por aliciar incautos operários a ficarem contra seus sindicatos.

É nesse vacilo que os patrões partem para uma perseguição sem trégua aos sindicatos e seus dirigentes.

Há uma realidade gritante: só os sindicatos fortes e organizados são capazes de enfrentar a sanha dessa elite e dar um chega pra lá no empresariado vampiro das riquezas produzidas pelos trabalhadores.

Os Sindicatos são importantes ferramentas de lutas de classe, mesmo sendo vítimas da deforma sindical que alterou mais de 100 dispositivos da CLT com intenção nítida de enfraquecê-los com práticas antissindicais.

A capacidade de reação das entidades foi marcante. Para tristeza da elite, os sindicatos retomaram seu caminho de luta e, só ano passado, mais de 40 mil acordos e convenções coletivas foram celebrados garantindo a milhões de trabalhadores recomposição



salarial. A luta trouxe ganho real para o salário-mínimo, o que não ocorria nos últimos 4 anos, anos de triste memória.

Outras conquistas vieram. Tentaram várias maneiras para deslegitimar a atuação dos dirigentes sindicais e apagar da memória dos trabalhadores a importância social dos sindicatos. A velha imprensa marrom mostra suas garras afiadas, parte para o ataque contra a atuação dos dirigentes sindicais, na defesa de políticos corruptos que só atuam no sentido de fazer leis que ampliam o poder da elite na exploração dos operários com visões distorcidas e inverdades divulgadas massivamente.

Os sindicatos são ferramentas fundamentais na luta dos trabalhadores para elevação dos salários, na distribuição de renda e na elevação do grau de consciência de classe. Isso basta para atrair a ira dos membros da elite do atraso. Mas, escudados na luta de anos a fio, os sindicatos foram para enfrentamento consciente do seu papel. Ou venciam o embate ou, em caso de derrota, seguiria a barbárie.

A batalha não foi nada fácil, saímos arranhados e feridos. Mas, fortalecidos, os trabalhadores não arredaram pé.

Os sindicatos retomaram seu fator relevante na sociedade participando de lutas para melhoria da vida dos operários, para uma sociedade democrática, por saúde, por educação de qualidade e gratuita, numa defesa intransigente do SUS. A elite do retrocesso sentiu na pele a capacidade de reação dos sindicatos que seguem sua trajetória de ser o farol iluminador dos caminhos a ser percorrido pela classe operária. A intenção da elite do atraso de acabar ou enfraquecer os sindicatos tem a nítida intenção de levar os trabalhadores ao limite das privações humanas. Esgarçando mais e mais o tecido social, ela se utiliza de seu instrumento ideológico, a violência, para perpetuar a miséria uma vez que tem a exploração do homem pelo homem tatuado em seu DNA.

Que fique a lição para a elite do retrocesso:

É ao sindicato que cabe falar em nome do trabalhador, fragilizado na desigual correlação de forças em um País onde não há a mínima proteção contra demissão arbitrária.

O SIGNIFICADO DE AGRO É POP: POBREZA, OPRESSÃO, POLUIÇÃO.

A produção do agronegócio brasileiro é essencialmente voltada para a exportação e produz o que é do interesse e necessidade de outros países e eles querem milho, soja e cana.

O modelo produtivo do agronegócio, tal como vem se desenvolvendo por aqui, tem impactado negativamente na sociedade, pois vem deixando de produzir arroz, feijão e mandioca, alimentos básicos e principais na panela de nossa população.

Os agentes do agronegócio jogam com todas as armas possíveis para nos convencer que, para alcançar níveis de produção dignos, a Rede Globo deve encher ouvidos e mentes de milhões de pessoas no horário nobre com o tal jargão “*Agro é pop, Agro é Tech*”.

Mas não diz que isso não será possível sem poluir rios, solos, contaminar alimentos, matar animais silvestres.

E não diz que isso não será possível sem adoecer e matar seres humanos, derramando toneladas e toneladas de agrotóxicos nas plantações, atitudes de pura “obra da inevitabilidade”, segundo as MultiAgro, tremendas caras-de-pau.

A lógica capitalista das empresas transnacionais do agronegócio promove o uso da terra como fonte inesgotável de produção de riquezas para os seus cofres. Aliados do agronegócio nacional e da elite do retrocesso são incapazes de atuarem com a visão do uso racional da terra, respeitando a biodiversidade e não só a busca desenfreada do lucro fácil e rápido.

Dados e relatórios denunciam a falácia demagógica e ideológica por trás do jargão global “*Agro é Pop, Agro é Tech, Agro é Tudo*”. Agronegócio é também violência, fome, trabalho escravo, monocultura, devastação ambiental e grilagem. Isso a Globo não mostra.

A utilização de uma política orientada para privilegiar os interesses do grande capital nacional e estrangeiro em detrimento às nossas necessidades são faces cruéis nada ocultas do agronegócio.

No rastro da atuação do agronegócio, o racismo dá o tom, haja vista que os atingidos por esta máquina de moer gente são indígenas e negros. A violência no campo,



produto da atuação criminosa do Agronegócio, tem estreita relação com o desmonte dos órgãos ambientais e fiscalizadores.

O desmonte é uma manobra bem arquitetada pelo agronegócio que não seria possível sem a compra de deputados, senadores, ministros e membros do poder judiciário pelo agronegócio. No congresso nacional existe a temida “bancada do agronegócio”.

No corpo dos três poderes da República do Brasil está tatuada de forma indelével a expressão Agro é Pop.

É a aliança da elite do atraso com os podres poderes contra os mais pobres mostrando de que lado estão.

Nesse contexto de terra arrasada, a reforma agrária segue sendo uma das mais urgentes políticas públicas a ser implementada pelo Estado Brasileiro para pôr fim a essa tragédia no campo, fazendo com que a terra produza alimentos para a população e reduza as desigualdades sociais.

Terra para quem produz.

DADOS
• AGRO É VIOLÊNCIA: A violência por terra no Brasil 2022 envolveu 165 mil famílias, 35 assassinatos, na maioria populações tradicionais, indígena, sem-terra, quilombolas e assentados (Fonte: Pastoral da Terra);
• AGRO É FOME: São 125 milhões sem segurança alimentar e mais de 40 milhões passando fome (Fonte: Rede Pensar 2022);
• AGRO É TRABALHO ESCRAVO: Cerca de 55 mil trabalhadores foram resgatados das condições análogas a de escravo, na maior parte do Agro (Fonte: Ministério do Trabalho);
• AGRO É DEVASTAÇÃO: O uso do fogo para o desmatamento, a expansão de fronteira agrícola grilagem, 90% do desmatamento no Brasil ocorreu para abertura de pastagem e monocultura (Fonte: “Agro é Fogo”).



ATÉ QUANDO VÃO REPETIR A MENTIRA DESLAVADA DO DÉFICIT DA PREVIDÊNCIA?

A previdência social é em nosso país seguramente o principal instrumento de proteção social conquistado em muitos anos de luta pela classe operária. A previdência paga a trabalhadores(as) aposentadorias, auxílios-doença, acidentes de trabalhos, reclusão, pensão por morte. Protege ainda a velhice, a maternidade e, porque não dizer, até a morte.

A História da criação de nossa previdência social com suas idas e vindas vem de uma caminhada longa e acidentada. A primeira experiência deu-se com o decreto real de 1821, criando aposentadoria para professores que completassem 30 anos de serviços. Em 1835, ainda no Império, foi criada a previdência privada dos montepios.

No Brasil imperial inaugura-se a prática de pensões do Estado, criando os encargos previdenciários. A previdência social tal como a conhecemos hoje só surgiria em 1923 com a lei Eloy Chaves.

Não podemos nos esquecer também da contribuição para formação da consciência da ajuda mútua vinda do movimento anarquista com suas caixas de benefícios no seio da classe operária, antes da previdência social.

Hoje a previdência social paga religiosamente em dia todos os meses a quase 40 milhões de beneficiários. Somados aos parentes são mais de 100 milhões de pessoas inseridas economicamente, isto é, mais do que as populações de vários países.

Mesmo com toda sua importância, a previdência tem sido eleita a primeira a sofrer todos os tipos de ataques perpetrados pelos piratas sociais travestidos de arautos da modernidade.

Os tais liberais, que na verdade só visam submeter a classe trabalhadora aos interesses do mercado financeiro em regime de capitalização que fracassou mundo a fora deixando os idosos na rua da amargura. A arma usada pelos inimigos da previdência para atacá-la, como sempre, não poderia ser outra senão a mentira.

E eles já têm uma pra chamar de sua: é o tal déficit da previdência. Ela tem sido repetida por banqueiros, por governantes, pela mídia em geral, pela tal imprensa marrom e pelo congresso nacional majoritariamente comprado por esses pregoeiros do déficit

da previdência, que nada constroem mas deformam os fatos, formam um consórcio do mal. Lançam seus tentáculos contra os mais pobres e oprimidos: até aí nada de novo.

É a sanha privatista atuando para submeter a classe trabalhadora aos interesses do mercado financeiro garantindo o lucro exorbitante para a alegria da elite do atraso. Vários são os estudiosos e entidades de representação dos trabalhadores que provam que o tal déficit da previdência é um embuste, mas os embusteiros de plantão fogem do debate preferindo o engodo e a fraude.

O Estado brasileiro joga papel decisivo neste debate ficando do lado dos arautos da mentira quando divulga números não verdadeiros e acena com reformas para atendê-los. Ignoram que além das contribuições dos trabalhadores temos todas as demais contribuições destinadas ao financiamento da seguridade social contidos na constituição cidadã.

Por que será que os inimigos da previdência se calam diante do descalabro das isenções, dos perdões de dívidas, dos calotes, dos desvios das arrecadações para pagamento da bolsa banqueiros e de obras faraônicas feitas com dinheiro da previdência, que juntos somam bilhões?

Agora mesmo está acontecendo o debate da desoneração da folha e, pasmem, esta desoneração é para patrões não pagarem os 20% da folha destinado à seguridade social e sim apenas 4%, com o discurso de geração de empregos. Sabemos que o que vem são demissões. Eles são covardes e insaciáveis e o governo segue fazendo caridade a patrões corruptos às custas dos sofridos aposentados. É governo Robin Hood às avessas.

Farra com as verbas da previdência, dinheiro suado dos trabalhadores. Embalada pela música do déficit previdenciário, a elite do dinheiro faz assim dos trabalhadores uma massa imbecilizada. A previdência é a veia por onde trafegam as nossas esperanças para que possamos sair do vale sombrio e desolado da pobreza e da marginalização.



TRAGÉDIA NO RIO GRANDE DO SUL É POLÍTICA E ANUNCIADA: É CRIME!

- Agronegócio cresceu de 33% para 48% entre 1985 e 2022.
- Monocultura da soja aumentou de 13,6 mil km² para 84,5 mil km².
- Especulação imobiliária desenfreada fez a população de Porto Alegre saltar de 600 mil para 1,600 milhões de habitantes.
- Luta titânica perpetradas pelas autoridades locais com a elite do dinheiro para mudar o código florestal: mais de 500 normas foram alteradas.
- Aumento do desmatamento: somente a área de campos e banhados perdeu mais de 30% para pastagens e monocultura de soja e milho.
- O uso excessivo de agrotóxicos para atender ao pilar de uma economia para exportação.
- Corte de verbas pela metade da defesa civil.
- Expansão da queima de combustíveis fósseis.
- Emissão de um volume estratosférico de gases de efeito estufa.

Estas são as fotografias que emolduram o quadro exposto no museu da ganância no rio grande do sul.

Vamos aos fatos: no ano passado o Rio Grande do Sul (RS) foi atingido por ciclones que causaram mortes e desabamentos. Em vez de tomar providências para evitar novas mortes, as autoridades nada fizeram. Não havia espaço para dúvidas: uma nova tragédia estava a caminho, engordando a já robusta lista vergonhosa de fatos de irresponsabilidade do poder público brasileiro. Os governos federal, estadual, municipal e ainda o congresso nacional e o judiciário, com a sua maioria de membros comprados, aliam-se à elite do dinheiro numa institucionalização da expansão do projeto de grandes empresas no campo e nas cidades. Os governos são cúmplices de crimes ambientais, como substituição da vegetação nativa vital no controle da crise climática, tramando também para flexibilizar a legislação.

Nesse malabarismo, o dinheiro é a alma do negócio. Deputados são comprados à luz do dia. O RS chegou ao requinte de criar alta liberação ambiental em que o próprio endinheirado assinava num papel de padaria a liberação ambiental de sua atividade: era o lobo

cuidando das ovelhas. Os poderes e mais a elite do dinheiro se apressam em falar aos quatro cantos: “é tragédia, é tragédia”. Em suas bocas esta palavra vira mantra. Vale tudo para encobrir as responsabilidades desta laia de omissos. Por conta desse zigue-zague macabro da classe dominante, milhares de famílias perderam suas casas, móveis, livros e memórias. Morreram centenas de seres humanos e outros tantos estão desaparecidos. Os animais de estimação cujas vidas importam foram também vitimados.

O RS é hoje um amontoado de escombros a céu aberto, economicamente um estado quebrado com pessoas desabrigadas ou em alojamentos públicos necessitando da solidariedade humana. Esse quadro desolador causado por agentes públicos tem que ter apuração das responsabilidades, indo um a um para atrás das grades sem direito a “saidinhas” ou “saidonas”. Isso é o mínimo que se espera. É triste constatarmos que não serão punidos e ainda os veremos em breve em campanha eleitoral dando sonoras gargalhadas, com bandinhas de música, fazendo discursos com promessas mirabolantes dando tapinhas nas costas dos atingidos pela calamidade na busca dos votos desses incautos. Um escárnio, um soco no estômago da democracia. Depois de todo o acontecido, essas pessoas sem escrúpulo nenhum vibram ao verem nomes sufragados nas urnas.

A solidariedade vem sendo um capítulo à parte: os brasileiros mais uma vez se uniram numa corrente de ajuda nunca vista, seja em doações, seja em participação pessoal na ajuda aos desabrigados. É de emocionar ver a forma como os gaúchos estão sendo acolhidos. Nesta hora de tanta dor a sociedade não negou sua já conhecida marca de ajudar os mais necessitados. O Brasil todo se mobilizou. Lembremos daqueles poucos que não foram atingidos pelas enchentes, pessoas de diversas classes sociais foram de uma solidariedade colossal, erguendo abrigos, acolhendo famílias em suas casas, estabelecendo redes de ajuda mútua, criando cozinhas solidárias, além de se jogarem nas águas para resgatar pessoas.

Ficou a lição: o sofrimento iguala as pessoas. Da classe política com sua opulência dos altos salários, as regalias, as emendas bilionárias, os orçamentos secretos, os fundos partidários e eleitorais bilionários não se ouviu uma palavra. Não houve um ato de solidariedade desta classe renunciando a uma mínima parte da riqueza auferida dos impostos pagos por todos nós em prol dos atingidos pelas enchentes.

Reafirmamos com todos os argumentos que as enchentes no RS têm sim responsáveis que causaram dores e sofrimentos a milhares de pessoas. Entendemos que o momento é de apoio e solidariedade aos atingidos, mas não podemos esquecer de punir os infratores e bani-los da sociedade. Ou será que estamos condenados ao próximo desastre?



EI JOVEM, VENHA PARA O SINDICATO. VOCÊ TAMBÉM!

A maior dificuldade para a sindicalização de jovens tem íntima ligação com o momento que vivemos, uma era de incertezas com a valorização do individual em detrimento do coletivo e o completo descaso com a solidariedade e os direitos humanos valores vigas mestras da atuação sindical.

O endeusamento das novas tecnologias difundido exaustivamente nas mídias “escrita, falada, televisiva e redes sociais”, todas compradas, que invadem as mentes e os corações da juventude com mensagens da infalibilidade desse modelo perverso, os levam a agir como se não houvesse futuro. Reforçando a ideia da imortalidade dos jovens, são eles imediatistas incautos.

Para os jovens, as conquistas sociais, os direitos trabalhistas e outros mais que temos hoje não resultaram de uma jornada de luta sem trégua dos nossos antepassados e, sim, nos foram doados ou caídos do céu.

A desindustrialização, a expansão do setor de serviços, as tais plataformas digitais, a disseminação de formas flexíveis de contratos, a crescente precarização do ambiente de trabalho, a alta rotatividade de mão de obra, a baixa remuneração, toda essa catástrofe e, ainda, um modelo de comunicação que passa o tempo todo vendendo a ideia de que agora é o tempo deles. Ou seja, o de ser empreendedor!

E tomem de dar exemplos somente dos bem-sucedidos, as mazelas são esquecidas, mil e uma maravilhas, tudo engodo. Quem leva a melhor fatia do bolo financeiro é sempre ela - a elite da grana. Aos jovens restam o adoecimento e a desilusão.

Outra dificuldade é como justificar para filhos, netos que, apesar de tanta luta de seus pais por anos a fio, os jovens terão que iniciar suas atividades laborais num mundo do trabalho hostil, com baixos salários, assédios sexual e moral, carga horária extenuante, prática antissindical por parte dos patrões, verdadeiro trabalho degradante.

Os jovens também testemunham e convivem com as crueldades praticadas pelo capitalismo e seus agentes quando seus pais, após anos de dedicação trabalhando, são colocados no olho da rua no momento mais difícil de suas vidas sem receber um centavo

de seus direitos trabalhistas adquiridos em anos de muito trabalho. Um presente sem futuro, sem esperança, legado nada recomendável aos jovens. O sindicato é antiquado? Está parado no tempo? Atua com linguagem que não comunica?

Tem dificuldades de lidar com as inovações tecnológicas, inteligência artificial, a estas perguntas os dirigentes sindicais terão que gerar respostas críticas e qualificadas. Assim iluminarão o futuro do sindicalismo abrindo caminho para a chegada dos jovens. Os dirigentes sindicais precisam estar atentos ao que os jovens estão realizando e principalmente o que desejam. Há pesquisas da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) indicando que os jovens ainda confiam na atuação dos sindicatos com a percepção aguçada da indispensabilidade dos sindicatos na defesa dos seus direitos. Eis o desafio. É fundamental que os sindicalistas estejam abertos para aprender com os jovens, principalmente entender suas paixões, desejos e vontade de reconhecimento.

Os sindicalistas mais maduros têm que proporcionar as condições de participação deles em suas estruturas sem medo de perder suas posições para que eles sejam protagonistas nas frentes sindicais. E que não haja só sindicalista falando sobre juventude, mas ‘jovens sindicalistas’ falando para todos os jovens trabalhadores incorporando-os nas lutas do sindicato.

Colocar no tempo presente o futuro almejado como construção social e histórica, encantar o duro cotidiano com a esperança de utopias que somos capazes de construir coletivamente são desafios a serem superados como tarefas daqueles que querem um sindicalismo inclusivo, não discriminativo, dinâmico e pronto a abrir vagas em suas diretorias para novas ideias e de luta com a forte presença de trabalhadores jovens.

**É hora de mudança, o tempo é hoje.
Não é possível pensar no futuro do movimento sindical sem
pensar no empoderamento dos jovens.**

VIVER É APRENDER A SER UM ETERNO APRENDIZ

Vivemos em um mundo caótico, confuso, e sobretudo conflagrado, onde opiniões são formadas e definidas sem nenhum filtro ou mediação, apenas influenciadas por algoritmos. As tais mídias ditas sociais “deram fala a uma legião de imbecis” (Humberto Eco, escritor), formando-se uma constelação de donos da verdade.

Ambientes assim são terrenos férteis onde os aproveitadores da boa-fé alheia plantam as sementes da ignorância para colherem benefícios próprios e difundirem o ódio e a mentira. Nos nossos relacionamentos humanos vamos nos deparar com pessoas influenciadas e com os chamados conscientes de má-fé, estes últimos dissimulam suas verdadeiras motivações invocando a defesa da religião, da pátria, da família e da liberdade. Estas pessoas exploram convicções, crenças e valores dos indivíduos, dos grupos, estimulando divisões e conflitos. São coletivos de indivíduos ególatras pouco afeitos a compromissos sociais, interessados apenas no que lhes trará benefícios pessoais, individuais.

Nós humanistas e defensores de uma sociedade mais justa e igualitária nos vemos diante de um desafio gigantesco que é nos equilibrarmos em meio a este turbilhão de emoções e de atitudes nada convenientes para nós. E termos de transformar um ambiente de convivência instável e tóxico em outro minimamente saudável e de respeito às individualidades.

Nessa caminhada por trilhas tortuosas, nos deparamos com uma variedade de características humanas: pessoas narcisistas ou deslumbradas que agem por vaidade. Pessoas com esse transtorno são incapazes de demonstrar empatia àqueles que não lhes prestam atenção ou adulação, o que resulta em relacionamento conturbado. Esse tipo é nefasto. Os interessantes são pessoas que nos inspiram, agregam valor às nossas vidas. São como faróis a nos guiar em meio a escuridão.

Interessadas, são pessoas que buscam ajuda e orientação. Ajude-as no que puder, visto que a colaboração é o oxigênio de uma sociedade mais justa e equilibrada. Interessas, pessoas oportunistas que se aproveitam das fraquezas humanas e se aproximam só para obter vantagens. Puramente egoístas, a interação com elas resulta em decepção.

É prudente nunca julgar as pessoas pela primeira impressão ou pela aparência, estes dois conceitos na maioria das vezes nos enganam. Cuidado é pouco com aquele ou aquela que se comporta com moralismo exacerbado, na maioria dos casos, para encobrir malfeitos do presente ou do passado. Se já não bastasse o ambiente polarizado e fragmentado por conta dos anos do retrocesso político produto do governo protofascista de Bolsonaro, que coloca em risco a nossa frágil democracia, estamos no meio do redemoinho das novas tecnologias (inteligência artificial, robôs, drones, redes e atividades on-line etc.), a nos causar perplexidade e a necessidade de adaptação urgente.

É dever civilizatório fazer de nossas vidas uma grande escola, na qual cada interação, cada desafio, cada vitória ou derrota traga ensinamentos únicos e que aprendamos a distinguir e a conviver com os diferentes tipos de pessoas, obtendo delas o que há de melhor em cada uma.

É bom estarmos atentos às transformações tecnológicas ou climáticas, e aos seus riscos e oportunidades, para direcionarmos nossos esforços em favor de políticas públicas que melhorem a vida no planeta, tarefa de todos com as suas diferentes personalidades e potencialidades.

Mais do que isso, nos engajemos na construção de uma sociedade em que a empatia, a compreensão e o respeito às diferenças pessoais, a ciência e aos direitos humanos e ambientais prevaleçam sobre o oportunismo e a ignorância. Em um mundo repleto de incertezas, essas são lições básicas que nos guiam para uma saudável convivência mais harmoniosa e significativa. Viva a tolerância, a resiliência e a ciência.



A POLÍTICA SENDO ELA: SEM RETOQUE

A política, é um jogo de poder onde as relações resvalam para pantanoso terreno da competição, da suspeita, das tramas e da intriga. A projeção de um pode significar a irrelevância ou ostracismo do outro. Homens públicos, os ditos políticos, são avessos às críticas sejam elas construtivas ou não. Raríssimo os que autoavaliam seus desempenhos, mas são ágeis em apontar erros de seus correligionários e adversários.

Há políticos vaidosos: esses não suportam o espelho que lhes mostre sua verdadeira face. Só não temem os bajuladores que, como tais, não se destacam pela inteligência, por isso não os aconselham ou criticam, apenas louvam seus erros, suas lambanças como se a retórica fizesse história.

Política: horizonte de sonhos que se move ao peso de bolas de ferro presas aos pés. Em cada curva, uma surpresa, obrigando o ator a mudar ou refazer a rota no mapa das tramoias com agilidade. O ator político, o homem público leva às costas um baú atulhado de vaidades, maledicências, bajulações, interesse próprio e traições.

Na política, para se ingressar, não se faz necessário provar competência, nem se exige um certo grau de idoneidade moral. E aí vêm as eleições, respira-se emoção e a razão entra de férias. A sensibilidade fica à flor da pele. Um verdadeiro caldeirão em que se misturam honestos, cretinos, probos, corruptos na busca desenfreada pelo voto dos eleitores: uma verdadeira feira moderna. Como acreditar num voto consciente e participativo? Ou seja, não votar em candidatos que tenham vínculos com máfias, facções criminosas, políticos corruptos, exploradores dos mais necessitados; e sim naqueles que defendam os direitos dos excluídos por razões sociais, raciais e de gênero neste ambiente contaminado por discursos vazios e pelo derrame de dinheiro público.

O que vemos no fim desta feira: incensados pelo voto com algumas exceções são ladrões dos cofres públicos recheados de dinheiro vindo dos impostos pagos sempre pelas camadas mais pobres de nossa população. Eles não precisam arrambar os cofres públicos, pois, conhecendo-lhes os segredos, se passam por inocentes ao enfiarem a mão na brecha do emaranhado de leis por eles concebidas: é a chave do galinheiro entregue aos cuidados de umas raposas.

A política sempre será um fator de educação cidadã. Esvaziada de conteúdo ideológico, como consistência de ideias, transforma-se num mero balcão de negócios. A política baseia-se no fato da pluralidade dos seres. Seus operadores devem, portanto, organizar e regular o convívio dos diferentes e não dos iguais. A política contraria as leis da física: nela dois corpos ocupam o mesmo espaço e o quente é frio e o frio é quente.

O que hoje atrai, amanhã repele; o que agora aproxima, depois distância. Assim é a política: entre esterco um diamante lapidado, um administrador eticamente ousado, um parlamentar disposto a perder o mandato, mas não a moral. Mas há nela também lugar para o jogo de cena, à mentira deslavada e, ainda, para as lágrimas de crocodilo dos insensatos. A política é uma senhora sisuda que se julga bela e sedutora acima de qualquer juízo. Irrita-se quando é criticada, odeia cobranças, mas anda pelas esquinas da vida a mendigar reconhecimento e elogios. Alimenta-se no banquete das vaidades, assim como Narciso que acha feio o que não é espelho.

A política é o resultado da sociedade que a produz e, em seu espelho, reflete todas as contradições e mazelas de uma sociedade. Ainda que as estruturas sociais fossem justas, a política continuaria a ser o efeito dos defeitos do coração e dos desvarios da razão que não são poucos. O ser humano precisa ser capaz de se reinventar, pois políticos são pessoas saídas de dentro de nossa sociedade, não se tratando de marcianos nem tampouco vindos de outros planetas.

Se são ruins ou imprestáveis, conseqüentemente somos nós os responsáveis por suas eleições. E, se não fizermos nada, não punindo-os com o voto, estaremos sendo políticos contribuindo para que essa situação política tóxica se perpetue.



O QUE É SER UM MILITANTE DE ESQUERDA?

O militante de esquerda tem como missão manter viva a indignação e engajar-se na luta por mudanças que façam cessar a marginalização e a exclusão. E jamais aceitar a desigualdade social como algo tão natural quanto o rio que corre para o mar, como preconiza a direita. O militante de esquerda é vulnerável a erros como qualquer mortal. Erra pela falta de ter contato direto com aqueles que são a razão de ser da causa por ele defendida. Erra ao deixar se contaminar pelo vírus da ideologia capitalista. Como ser militante de esquerda sem nunca ter sujado os sapatos na lama lá onde vivem os mais pobres? Sem viajar em meios de transportes urbanos lotados? Sem sentir a dor da violência policial praticada contra negros, contra pobres moradores das favelas e das periferias? Sem sofrer na pele os efeitos do péssimo atendimento na rede pública de saúde, não indignar-se com o abandono do poder público? O militante de esquerda tem de ir e conviver onde moram aqueles que não têm o que comer nem para si nem para os filhos, mas lutam, se alegram, celebram crenças e vitórias. Teoria sem prática é empulhação.

O militante de esquerda tem que tratar dos caminhos políticos igualitários e repensar uma melhor forma de como ter uma maior participação das mulheres nas atividades políticas. Bem como discutir o encaminhamento da luta contra o racismo e de todas as maneiras de discriminação e preconceitos. Questionar e orientar os partidos políticos, os sindicatos e as demais organizações de esquerda a uma melhor forma de dialogar com os múltiplos movimentos. Não acreditar em revolução do exército de um só ser, mas sim na revolução de um povo. Um militante de esquerda tem que basear suas ações nas demandas concretas do cotidiano das pessoas, ouvindo-as e compartilhando sua experiência sem arrogância.

De que vale um militante político de esquerda que seja um excelente orador, com vastas teorias e conhecimento do mundo, sem ter a linguagem e o reconhecimento da realidade vivida? Assim, perde-se o respeito do povo, o que é muito triste. Que seja um militante e não um militonto. O primeiro é incansável em sua caminhada, é gregário, humilde, nunca arrogante, já o segundo é aquele que se gaba de participar de todos os



eventos e movimentos. Sua fala é repleta de chavões: um poço de arrogância e os efeitos de suas ações são pífios.

Um militante de esquerda tem de ser firme em condenar o capitalismo e as seus irmãos siameses - o neoliberalismo e a globalização - como os maiores inimigos e causadores de todos os males que afligem os pobres mundo afora. Combatê-los sem trégua é missão do dia a dia. Mostrar que não é vergonha acreditar no socialismo como a nossa meta a ser alcançada. Mostrar claramente que o capitalismo vigente há 200 anos fracassou. Segundo o Banco Mundial, 2,8 bilhões de seres sobrevivem com menos de 2 dólares por dia e 1,2 bilhões com um dólar. Multidões de habitantes do

planeta Terra vivem na miséria passando fome, sem moradia, sem emprego, enquanto alguns parasitas ficam bilionários a cada minuto. Para estes, o capitalismo vingou. O militante de esquerda tem de aprofundar seus vínculos com o povo e com as suas pautas. Ele estuda, medita, reflete, ouve o grupo e se qualifica para tomar decisões. Valoriza os laços orgânicos e os projetos comunitários. O verdadeiro militante de esquerda tem que beber na fonte de Che, Mao, Marighela, Dom Helder, Marx, Paulo Freire e outros tantos.

O militante de esquerda tem de ter a ética como bússola a orientar suas ações, visto que a esquerda age por princípio, enquanto a direita e seus operadores se movem por interesse próprio. O militante de esquerda jamais negocia os direitos dos pobres e sabe aprender com eles. Um militante da esquerda pode perder tudo: liberdade, emprego, a vida, mas jamais, a moral, pois caso isso ocorra, desmoraliza-se e desmoraliza também a causa que defende, então será o caos. A direita se regozijará pelo inestimável serviço prestado.

O militante de esquerda tem que aprender com os tigres por que na floresta eles se movem à noite. Não buscam a luz nem se deixam inebriar pelos raios do alvorecer. Nutrem-se do que vislumbram em plena escuridão. Basta-lhes a magia das estrelas e a certeza de que a noite é apenas um intervalo dos dias. Não é o poder, a vitória, o lapidar cartesiano das ideologias que movem seus passos e sim o escândalo da miséria, a vergonha da pobreza e o sofrimento dos semelhantes – a razão desta invencível teimosia. É juntar cacos, costurar retalhos, começar de novo, refazer o caminho, ainda que a roda do moinho deixe a impressão de que nada sai do lugar e tudo gira em torno do mesmo ponto nessa cíclica labuta sobrecarregada de esperanças abortivas.

ABAIXO A ESCALA 6x1: ESCRAVIDÃO MODERNA, ESCRAVIDÃO NUNCA MAIS

A luta dos trabalhadores, pela redução da jornada de trabalho sem a redução dos salários não é algo novo. A classe operária desde sempre batalhou contra jornadas laborais excessivas e exaustivas. O compositor Gonzaguinha resume bem duas necessidades humanas, a do trabalho e a do repouso, quando diz “*Sem o trabalho/o homem não tem honra*” e acrescenta: ***Guerreiros precisam de um descanso/precisam de remanso/precisam de um sonho/que os tornem refeitos***. Infelizmente os trabalhadores brasileiros são submetidos pela ganância dos donos do capital à maldita jornada 6x1. Para eles, os operários têm que ser privados de direitos básicos e trabalhar até a morte. Esta nefasta jornada é adotada comumente em bares, restaurantes, hotéis, supermercados e comércio em geral. Ela é excludente, segregacionista, afasta grandes massas de operários de suas famílias e de seus amigos ao mesmo tempo que lhes rouba o tempo para estudo e o lazer.

A elite do dinheiro enquanto isso se esbalda no que há de melhor que o dinheiro possibilita, dinheiro este vindo do suor alheio. Para piorar, nem sempre a folga tão desejada e justa cai em um domingo trazendo a ele um sentimento de cidadão de segunda categoria. Convivência social nem pensar. Tudo na vida precisa ter um limite, e não foi diferente com essa violência praticada pelos patrões contra os operários. Graças ao poder das redes sociais, surge o movimento **VAT (*Vida além do Trabalho*)**, puxado por uma das vítimas da jornada 6x1: um balconista de farmácia. Ele botou a boca no trombone denunciando os efeitos maléficos desta escravidão moderna. A repercussão foi como um rastilho de pólvora. Tamanha foi a comoção e o reconhecimento da barbárie que o balconista se elegeu à câmara de vereadores em nossa cidade com brilhante votação. Começa aí o pontapé inicial para extinção dessa ferramenta fabricada pela elite do dinheiro para esfolar seres humanos. Imediatamente em Brasília no congresso nacional foi apresentada uma PEC (Proposta de Emenda Constitucional) para o fim da jornada 6x1, reduzindo a carga horária no Brasil sem redução salarial. Como não poderia deixar de ser, a elite do atraso ficou apavorada, visto que para ela é sempre assim: “que venha tudo para os seus bolsos e, aos explorados por eles, nada de nada”. À medida que a mobilização foi ganhando as ruas, os espaços políticos, as mentes e os corações, então vieram eles, os boateiros de plantão, os

mesmos: mídia comprada, os deputados porta-vozes dos endinheirados trombetear que a economia vai quebrar, empresas fecharão as portas, a inflação irá subir.

E quando eles metem a mão nos cofres públicos, não pagam impostos, sugam até a última gota de sangue do Estado esses boquirrotos ficam mudos. É sempre assim, quando os explorados tentam sair do caos social vivido por conta do domínio do capital os lambe-botas logo saem a defendê-los. E os donos do capital, apenas e somente eles, se acham no direito de se apropriarem dos benefícios das novas tecnologias - indústria 4.0, IA (Inteligência Artificial), terceirizações, quarteirizações e os aplicativos - todos instrumentos de facilitação produtiva visando o aumento da exploração. Aos trabalhadores, restam mais miséria, mais fome e tome de escala 6x1. Estas tecnologias deveriam servir para diminuir a carga horária. Ocorre, porém, o contrário: a elite do atraso aproveita para aprofundar o fosso da desigualdade arrochando os salários, dilatando a jornada. Nada é mais falso, nem mesmo uma nota de três reais, do que ver na mídia marrom analistas de economia, representantes de corretoras de investimentos, assessores de entidades da classe patronal, cupinchas que nunca sofreram as agruras da maldita jornada 6x1, em estúdio de redes de comunicações com todo conforto, encherem os pulmões e bradarem: *“no Brasil se trabalha pouco, a produção é baixa e o salário mínimo é alto”*.

Assim fica fácil para eles que, sem contraditório, ou seja, sem representante dos trabalhadores, armam debates de uma nota só. É de uma estupidez siderúrgica ao dizerem essas sandices num esforço descomunal para agradar a quem lhes paga. Não conseguem ver que na Europa se trabalha em média 37,7 horas por semana enquanto aqui a jornada é de mais de 40 horas, e ainda tem ela, a 6x1. Não é desconhecimento, é vassalagem mesmo sem limites. Aqui quem pega verdadeiramente no batente são na sua maioria homens, mulheres e jovens negros pobres moradores de periferia portanto vítimas maiores desta escravidão moderna com adoecimentos múltiplos, estresses, baixa estima e solidão.

A luta pela extinção da 6x1 e redução de jornada sem redução dos salários não pode ser somente para trazer melhor qualidade de vida. Ela há de reparar danos causados aos trabalhadores por anos e anos de suas vidas sugadas pela ganância da elite do dinheiro com a escravidão moderna. A mobilização está avançada, mas não podemos relaxar, a solução depende do congresso nacional, sabemos muito bem que lá a maioria é contra os interesses da classe operária.

A elite do atraso levando os trabalhadores ao limite de suas privações com esta maldita escala 6x1, esgarçando ainda mais o já frágil tecido social, se utilizando dos seus instru-



mentos ideológicos - mídia, justiça, parlamento corrupto - para perpetuar a desigualdade, com raras exceções, uma vez que têm a injustiça e a exploração tatuadas em seu DNA como princípio de gestação da miséria. **Portanto, conclamamos os sindicatos, as organizações da sociedade civil, os partidos políticos do nosso campo para somarmos nossas energias visando esta conquista. Há tempos os trabalhadores e os sindicatos não viam uma chance tão clara de somar forças em torno de uma bandeira de luta.**



MERCADO FINANCEIRO DITADURA ESCRACHADA

“Ideologia eu quero uma pra viver” cantava nosso poeta Cazuzu. E, eis que na atualidade, o credo econômico liberal é a ideia dominante e cujo substrato atende pelo batismo de “mercado financeiro”: entidade abstrata, mas bastante concreta no falar, no agir e no pensar. Como se cruzasse todos os caminhos, como se conduzisse a todos os destinos impulsionando todos os desígnios. Temos que acordar para o fato de que a mão invisível do mercado financeiro é invisível porque não existe ou, se existe, se dedica a servir aos ricos, despercebidamente. O mercado financeiro exige através de seus agentes um forte ajuste fiscal nas contas do governo: tem que cortar gastos, o Estado está inchado, ele gasta demais, é perdulário, não dá atenção ao equilíbrio das contas, só tem olhos para o social. Esse tal mercado financeiro é na verdade voz e alma da elite do dinheiro: a mais retrógrada das elites. Ele exige que seja executado o programa dos banqueiros e dos demais empresários.

Ora, o governo não foi eleito com este programa. Sua eleição se deu com o compromisso de colocar o pobre no orçamento e o rico no imposto. Apesar de tímidas, o governo adotou algumas políticas visando atender demandas dos mais pobres, então “o caldo entornou”. Neste momento, a elite do dinheiro verbalizada no mercado das finanças lança mão do seu arsenal de maldades que é formado pela mídia escrita, falada e televisiva e ainda por um congresso nacional formado na sua maioria por representantes do capital empresarial e do agronegócio, gângsteres a serviço da elite do atraso. Os jornalões inundam suas páginas com mentiras e manchetes alarmistas, as redes sociais com ataques contra o que eles chamam de “medidas antieconômicas”. Não se sabe de onde saem tantos gênios economistas de plantão. E então a elite do atraso se põe a sabotar a tímida política governamental de atendimento aos mais necessitados com ataque especulativo ao real, aumento do dólar, dos preços dos alimentos de primeira necessidade e boatos a torto e direito com objetivo de criar o caos: tudo crime. Cobrar impostos da elite do dinheiro é uma heresia inaceitável na sociedade mais desigual do planeta terra.

Ao contrário do que tentam nos fazer crer os agentes de propagandas do famigerado mercado financeiro – o mais ganancioso deles – despesas com saúde, educação, aposentadorias, pensões, de milhares de pessoas de baixa renda, BPC (benefício de prestação conti-

nuada), abono salarial e aumento real do salário-mínimo não representam nada diante do que é pago de juros aos banqueiros religiosamente todos os anos. Nos últimos 12 meses, pasmem, 1 trilhão de reais foram para os cofres destes parasitas. É a “bolsa banqueiros” a ossatura que os mantêm de pé, o insaciável mercado financeiro. Há ainda a farra das isenções fiscais, perdão de dívidas que beneficiam, sobretudo, a mídia capitalista, os supersalários, a bandidagem das emendas parlamentares. Taxar a distribuição de juros, dividendo e grandes fortunas, como acontece na maioria de todas as sociedades capitalistas, nem pensar, isso não. O país desindustrializou, 33 milhões de pessoas hoje passam fome, há milhões de crianças prejudicadas para o resto de suas vidas: 125 milhões em insegurança alimentar, falta moradia e saúde e educação só para endinheirados. Eis o resultado de uma opção política orientada ao rentismo.

Propor austeridade econômica num ambiente como este é austericídio. Nosso problema não é a falta de recursos e sim a desigualdade e a ganância da elite do dinheiro, visto que se dividíssemos o valor dos bens e serviços produzidos com valor de mais de 10 trilhões de reais pela população de 203 milhões, teríamos 16 mil reais por mês para cada família. Não importa que a economia tenha apresentado números positivos na maioria de seus fundamentos acima das previsões dos profetas do caos do mercado. Para o “mercado” isso é ruim, é preciso aumentar os juros, trazer a recessão para garantir o austericídio fiscal. O mercado quer que o governo pratique um haraquiri político, sacrificando os mais necessitados para garantir a orgia da especulação financeira.

São os movimentos sindicais que tecem os elos de fortalecimento das categorias profissionais e resgatam os vínculos humanos e de solidariedade destruídos pela ganância do mercado financeiro. Não é de hoje que o movimento sindical denuncia os males, e alerta os/as Trabalhadores(as) para a necessidade de nos organizarmos para enfrentar as forças do mercado financeiro, quebrando sua espinha dorsal para derrubar a política de austeridade fiscal justamente chamada por nós, sindicalistas, de “AUSTERICÍDIO”, por mesclar austeridade com genocídio. Cortar na carne dos mais pobres, com o facão afiado usado pela mão dita invisível do mercado financeiro, para tirar conquistas históricas da classe operária só vai levar o país de volta a um passado de exclusão social e injustiça. Chega de hipocrisia e chantagem.



SAÚDE MENTAL NO TRABALHO: DIREITO HUMANO FUNDAMENTAL

*“Enquanto o tempo. Acelera e pede pressa. Eu me recuso,
faço hora. Vou na Valsa. A vida é tão rara.”*

Lenine

O Brasil precisa tirar do papel políticas eficazes que equilibrem direitos humanos, integração e inclusão social. É urgente e necessário que o poder público enxergue e enfrente as causas do adoecimento mental no ambiente do trabalho como o mal do século. Ano passado o país registrou mais de 400 mil casos de afastamentos do trabalho por problemas relacionados à saúde mental a um custo de 5% do PIB (Produto Interno Bruto) (dados do Ministério da Previdência). Desde 1999, o Ministério da Saúde incluiu o Burnout - distúrbio psíquico resultante de estresse crônico no trabalho -, além da ansiedade e depressão, como patologia decorrente do estresse vivido no ambiente do trabalho.

O adoecimento mental não é exclusividade dos trabalhadores plenos e veteranos, como a princípio pode parecer. A incidência é grande entre os jovens. Os números impressionam, envergonham e convocam os que atuam nas ações em defesa da saúde a refletirem e agirem. As relações de trabalho com imposição de metas inalcançáveis, cargas horárias excessivas, salários reduzidos, deslocamentos de ida e vinda para o trabalho em meios de transportes em condições indignas, a violência urbana e ainda a flexibilização de direitos são fatores geradores determinantes de adoecimentos mentais. É impossível dissociar o aumento do adoecimento mental no ambiente do trabalho ao caos gerado pelo governo do Bolsonaro.

É preciso ter em vista que a promoção de um ambiente de trabalho saudável só se realizará quando as condições gerais de vida forem transformadas. Foi neste contexto que em 2024 foi sancionada a lei conhecida como “nova lei da saúde mental”. Esta lei prevê ações tais como: implemento de programas de saúde mental, oferta de acesso a recursos de apoio psicológico e psiquiátricos para os operários, campanhas de conscientização da importância de termos um ambiente de trabalho mental saudável. Além disso, faz-se necessário ainda que aconteça capacitação de lideranças com treinamentos que abordem temas voltados à saúde mental com foco no combate à discriminação e ao assédio em todas as suas formas e

modalidades. Uma pergunta que não quer calar: na prática qual será a real função desta lei?

Será mais uma para inglês ver?

Ou será que é para as empresas e suas diretorias se apropriarem do discurso sobre a saúde mental, transformando-a em propaganda da manjada segurança do trabalho, e não saúde? Sem de fato ter práticas coerentes com a lei, que em nenhum de seus itens previu a participação dos trabalhadores ou de seus representantes na sua execução, atingirá seus objetivos? Globalmente, o adoecimento mental no ambiente laboral tem custo de US\$ 6,6 trilhões de dólares com licenças médicas, absenteísmo e aposentadorias precoces (OXFAM Brasil). Um breve alerta: não estão incluídos nestes trágicos números as subnotificações e as pessoas vivendo em vulnerabilidade e nem as perdas para a economia como um todo. Os números gritam por soluções e clamam às autoridades governamentais, sindicatos e demais órgãos da sociedade civil um posicionamento crítico.

O estigma contra as pessoas com doença mental adquirida no ambiente de trabalho é tão ou mais pernicioso que a doença, ele representa a injustiça social, gera preconceito, discriminação por amigos, por familiares, por colegas de trabalho. A vítima é preterida pelos empregadores, por fim, vem violência física e psicológica. Temos que combater sem trégua o estigma. É necessário que os trabalhadores atingidos por este terrível mal sejam acolhidos com solidariedade, compreensão sem julgamentos. Estas pessoas precisam de tratamentos para se sentirem seguras e retomarem sua condição de trabalho, viver plenamente, usufruir de novas oportunidades, terem vida digna e serem inseridas na sociedade. É nesta questão da estigmatização que as direções sindicais poderiam cumprir relevante papel, digo “poderiam” porque é com tristeza que constato uma realidade completamente desfocada deste tema. Os dirigentes são oriundos de uma matriz conservadora e machista, do tipo “homem que é homem não chora”, “trabalho é pra macho” e é no ambiente de trabalho que estes sentimentos são extravasados como seres imortais ou super-heróis. E aí está o dilema para o sindicalista: como convencê-lo de que o camarada, seu representado, é portador de moléstia classificada pela OMS (organização mundial da saúde) como mal do século e não está de mimimi? Será um trabalho árduo e demorado.

Em 2025, ocorrerá a 5ª Conferência Nacional de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora com o tema “Saúde no Mundo do Trabalho como Direito Humano”. Está aí uma ótima oportunidade para, coletivamente inventarmos um mundo em que a saúde mental no ambiente do trabalho seja uma conquista como direito humano.



SINDICATOS: PERMANECER OU OUSAR?

O tempo não para.

Cazuza

Em nosso país, muitas conquistas acabam tendo vida curta, enquanto as desconstruções acabam tendo vida longa. E assim caminha o Brasil com seus avanços e atropelos. Nos anos 1930, Getúlio Vargas é catapultado à presidência do país. O seu projeto industrializante, nacionalista e com forte presença estatal, para se efetivar, teria que contar com o forte envolvimento da classe operária. A mesma classe operária, abandonada e espoliada pelos operadores do liberalismo da República do Café com Leite, ficou marcada indelevelmente pelos múltiplos significados associados à decretação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Mas lembremos: os operários brasileiros já se organizavam e lutavam bravamente por seus direitos e por melhores condições de trabalho desde o final do século XIX, por meio de greves e mobilizações.

Em 1917, ocorreu a histórica greve geral, cujas bandeiras de luta incluíam: melhores condições de trabalho e salários, direito a férias e ao descanso semanal remunerado, fim da mão de obra infantil, acesso à aposentadoria e o combate à carestia dos alimentos de primeira necessidade, entre outras reivindicações. A repressão da classe patronal, aliada ao Judiciário, não tardou. Foi cruel: impôs demissões sumárias, prisões e até deportações de ativistas e dirigentes sindicais, além de assassinatos de trabalhadores líderes do movimento e covardes ataques aos sindicatos, com o afastamento de suas direções.

O eufemismo ‘flexibilizar’ foi a forma encontrada pelas forças do atraso para desconstruir a organização e os direitos trabalhistas arduamente conquistados em anos de embates e batalhas. Foi exatamente por ser um código do trabalho, que concede e assegura direitos a quem trabalha, que a CLT tornou-se a inimiga número 1 dos donos do capital e o alvo predileto dos exploradores da classe trabalhadora. Veio então a ‘deforma’ trabalhista do famigerado governo Temer e de seus agentes. A nata da elite do dinheiro tentou destruir a CLT, mas a resistência incansável do movimento sindical impediu. Para desespero dos inimigos – os empresários, a elite do atraso –, embora desfigurada, sobreviveu. A essa fase tão nefasta de destruição

de direitos sociais, os sindicatos – únicos capazes de se reinventar – conseguiram resistir até os dias atuais.

Os dirigentes sindicais terão de atuar fortemente na organização e ampliação das bases. As adversidades afetaram enormemente as formas e maneiras de atuação dos dirigentes, levando-os a repensar novos modelos e estratégias. Eles foram as maiores vítimas dessa trama macabra e, até hoje, lutam para dar a volta por cima. A elite do atraso – os patrões – e seus asseclas vaticinaram o fim do movimento sindical e de seus dirigentes.

Ledo engano. O movimento sindical é uma árvore de raízes longas e profundas, fincadas em um solo firme: a ideologia da classe operária. Cortaram suas folhas e seus galhos. Tentaram arrancar suas raízes, mas não lograram êxito: o sindicato renasceu com mais vigor, para a tristeza de seus adversários. Imaginemos se não tivéssemos os sindicatos! O que seria dos trabalhadores diante dessa onda de novas formas de trabalho, trabalhadores sem contratos formais, terceirizados, intermitentes, trabalhadores de plataformas digitais? Seria a barbárie.

Diante disso, surge a necessidade de um novo desenho nas formas de representação e atuação sindical, com o fortalecimento da organização no local de trabalho. Há muitos desafios a provocar os sindicalistas.

Na passagem do século XIX ao XX, um desafio semelhante emergiu com a necessidade de criar um sindicato de massas, mais sintonizado com as demandas do interior das fábricas, em substituição ao sindicalismo de ofícios. Não foi fácil, mas a transição foi feita. É preciso organizar o conjunto da classe, ouvir seus anseios e angústias. Caso contrário, a atuação dos dirigentes sindicais tornar-se-á mais egoísta e restrita a um grupo minoritário, perdendo a chance de representação enquanto classe. Serão corporativos, e não classistas.

Os sindicatos devem compreender as diversas dimensões presentes no cotidiano do trabalho, com forte perfil interrelacional de gênero, geração, raça e etnia. É imperioso que articulem as questões da feminilização do trabalho, possibilitando às mulheres operárias se organizarem e reconhecendo-as como parte vital no ambiente laboral. É preciso reverter o quadro em que, por anos, estiveram excluídas dos espaços decisórios na vida sindical eternamente dominados por homens.

As direções sindicais devem incentivar a participação da juventude, ouvindo suas propostas e abrindo espaços nas direções, pois os jovens não têm encontrado eco para suas aspirações nem se sentem representados.

É imprescindível e inadiável eliminar resquícios de práticas racistas, discriminatórias, sexistas ou homofóbicas na vivência sindical.

As direções precisam também incorporar o contingente do novo proletariado da área de serviços e das plataformas digitais – desprovido de qualquer proteção social e, em muitos casos, sem experiência anterior de atuação sindical –, que precisa ser representado com dignidade.

A organização das bases deve ser a mais horizontal possível, incorporando ao conjunto da classe operária, hoje, todos os explorados e seus diversos segmentos – dos que têm contrato aos mais precarizados, como os terceirizados e intermitentes –, sem jamais excluir os desempregados e aposentados. Está claro que esses não são desafios fáceis, mas os dirigentes sindicais estão impelidos a enfrentá-los.

Será vital compreender essa nova realidade e entender que é preciso transformá-la – ou serão por ela devorados –. É necessário recuperar uma discussão que nossos mestres faziam com frequência no passado, hoje ausente nas ações sindicais: a urgência de os trabalhadores discutirem e participarem ativamente da vida política, ampliando suas pautas para além do economicismo e refletindo sobre qual será o futuro da classe operária no capitalismo.

Nada deve parecer impossível de mudar

Brecht

A MENTIRA DA SEPARAÇÃO ENTRE VIDA E TRABALHO

*“Nosso dia vai chegar, / Teremos nossa vez / Não é pedir demais /
Quero justiça / Quero trabalhar em paz / Não é muito que lhe peço /
Eu quero o trabalho honesto / Em vez de escravidão”*
Fábrica, Legião Urbana

O trabalho exige que sejamos dois sujeitos. O “eu profissional”, o que obedece, entrega, sorri e administra frustrações.

O outro, íntimo, lida com as dores mal explicadas e as consequências da exploração desumana.

Falar do trabalho é também dizer da identidade, memória, afeto e do alto preço psíquico que se paga por trabalhar num mundo onde o labor virou sinônimo de existir.

Algo perverso e silencioso no mundo do trabalho opera em pleno século XXI.

Não mais o grito do capataz, as péssimas condições de trabalho ou os ruídos das fábricas, mas sim o excesso de planilhas, metas extenuantes, jornadas desumanas, notificações e sorrisos forçados em reuniões virtuais.

O opressor já não grita mais, sussurra, exige, seduz.

E aí fica impossível o oprimido se manifestar, a humilhação é consumada, o dano é irreparável.

O trabalhador é separado do fruto de seu trabalho e da relação com os outros, da natureza, é fim de si mesmo.

Essa realidade não é apenas econômica, é existencial.

“O trabalhador se torna estranho a si, vira um ser funcional que executa sem compreender, o que repete sem se reconhecer. Em vez de fazer parte de um processo criativo, ele se vê como peça descartável de uma engrenagem que gira cada vez mais rápido.” (Marx)

Esta alienação nos dias atuais toma novas feições. Não basta produzir, tem que gostar de produzir, ser apaixonado pelo cargo, vestir a camisa da empresa agradecer pela oportunidade, são os ditos colaboradores os escravos modernos.

O sofrimento precisa ser silencioso, contido. És homens, não sois máquinas.

É inevitável a explosão, ela chega, vira estatística: burnout, depressão, adoecimento mental, isolamento social, afastamento do trabalho.

A culpa do gatilho ter sido acionado é individual e sempre do trabalhador.

A lógica da performance cobra que os trabalhadores neguem cansaço, silenciem dores, disfarcem suas angústias.

Não é mais trabalhar para viver, mas sim viver para trabalhar. Por fim, a dor vence o silêncio, explode coração.

O cansaço se transforma em recusa. Não é pensado nem planejado, não é consciente, mas ele chega.

É quando num gesto mais político do que qualquer discurso já passou da hora de parar e de dar um basta, breque.

Foi o que fizeram os trabalhadores dos aplicativos. Precarizados, invisibilizados, hiper conectados, avaliados por algoritmos, interromperam o fluxo. Não apenas por melhores condições de trabalho, mas para dizer:

Ainda estamos aqui, sentimos, sofremos não somos engrenagens.

O mesmo ocorre com o movimento VAT “Há vida além do Trabalho” que desnudou a exploração levada às últimas consequências pela fatídica jornada 6x1.

A elite do dinheiro tudo faz para naturalizar a usurpação total do tempo dos trabalhadores, principalmente comerciários.

É a colonização do tempo pela ganância dos donos capital: a elite do atraso. O corpo e a mente não aguentam, colapsam.

A precarização dos contratos ou completa inexistência deles, comuns nas novas formas de trabalho, chamadas de modernas, não apenas elimina direitos. Ela rompe laços da identidade coletiva entre os trabalhadores construídos em anos de luta.

Os sindicatos viram um vestígio de um passado remoto e a luta uma memória saudosista a ser apagada. É a despolitização ativa.

O trabalho que adoce e mata pode também ser o lugar onde emerge a possibilidade de outra vida com mais respeito aos direitos humanos e a plena cidadania.

E, talvez esse seja o sentido mais profundo da recusa:

Transformar o sofrimento em linguagem, o cansaço em gesto, a diversão em ação.

Porque ninguém vive bem sendo dois.

**A CRISE DO SINDICALISMO
E A TRANSIÇÃO NECESSÁRIA...
...E OUTROS TEXTOS**

Luizinho Oliveira

Prefácio

Luiz Carlos Fadel*

- Médico e pesquisador aposentado do Ministério da Saúde e da Fundação Oswaldo Cruz.

Apresentação

Rosangela Gaze*

- Médica Sanitarista e Pesquisadora aposentada. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

** Integrantes do Blog Multiplicadores de Visat e do Grupo de Estudos MultiVisat, Núcleo Saúde, Trabalho e Direitos Humanos do CEBES e Fórum Intersindical / RJ*

“Luizinho, em nome de todos os trabalhadores e trabalhadoras, expresso nossa profunda gratidão pela sua incansável luta em defesa dos nossos direitos. Sua dedicação e coragem são exemplos para todos nós.” (*Ângela Lourenço – Sindicato dos Rodoviários RJ*)

“Não é possível ser um bom sindicalista se não tiver a capacidade de amar o ser humano. Luizinho sabe fazer isso.” (*Cristiano Galvão – Sindicato dos Correios RJ*)

“Luizinho é daquelas pessoas que se vê e logo ama. Depois de algum tempo, descobre que ele gosta de samba, feijoada e futebol. Descobre que é uma pessoa indignada, por ser indignada, luta. Não luta só, nem luta chorando. Luta com sorriso no rosto. Luta com os trabalhadores.” (*Eguimar Chaveiro – Universidade Federal de Goiás*)

“Participo do Fórum Intersindical desde o seu início. Nas animadas e acolhedoras reuniões foi que conheci Luizinho, liderança sindical e pessoa que sempre se posiciona a partir de uma análise de conjuntura original e corajosa. Orgulhoso de sua filha e pronto para a luta é que tenho as primeiras e essenciais imagens desse operário de lutas, sindicalista e escritor.” (*Ricardo Gonçalves – Universidade Estadual de Goiás*)

“Luizinho Oliveira, essa pessoa que nos mostra a diferença entre dar a vida por uma causa e viver por uma causa. Para ambos é necessário muita coragem, mas viver pela causa exige renúncias e lutas por toda a vida. Obrigada pela sua história!” (*Fátima Sueli Neto Ribeiro – Universidade Estadual do Rio de Janeiro*)

“Com clareza e coragem, Luizinho enlaça a todos nós, trabalhadores, alertando para as mentiras forjadas como verdades pelo patronato. Obrigada por nos mostrar que o trabalhador não pode ser culpabilizado por ser vítima de um acidente de trabalho.” (*Norma Bomfim – Comissão Intersetorial de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora RJ*)

“Luizinho é a voz e a alma do nosso Fórum Intersindical... Onde quer que ele esteja, os trabalhadores do Brasil estarão sempre muito bem representados! Obrigada por sua força, luta e militância!” (*Isabella Maio – Ministério da Saúde*)